

depois ^o AMOR



LIA SENA



Copyright © Revista Ser MulherArte, 2020

DEPOIS O AMOR – © Lia Sena, 2020

Descrição

Romance Brasileiro

Editora

Chris Herrmann

Edição, Projeto Gráfico, Capa

Chris Herrmann

Realização

Revista Ser MulherArte

ISBN: 978-3-00-065062-8

Todos os direitos desta edição reservados à

Ser MulherArte – Revista Feminina de Arte Contemporânea – www.sermulherarte.com



depois ^o AMOR



LIA SENA



Dedico esse livro às mulheres.

as mais diversas.

as que me emocionam, as que me ensinam, as que me acolhem, as que compreendo e as que não consigo entender. as que vejo, as que escuto, as que me ouvem as que choram baixinho à noite, acordam plenas e movem o mundo. as que sustentam filhos, as que amamentam ou não. as que nasceram mulheres e as que se tornaram, porque assim se descobriram. a mulher indígena que honra a natureza, a mulher negra cuja luta é tamanha, a mulher trans, vilipendiada e sofrida. a mulher que sofre todos os dias por ser mulher. a mulher que aprendeu a dizer não e dizer sim, apenas a seu contentamento. mulher mãe, mulher só, mulher da rua, mulher de ninguém, mulher cis, mulher bi, mulher gay, mulher pro que der e vier. mulher.

LIA SENA

Prefácio

Tive o prazer de conhecer Lia Sena, durante o Primeiro Encontro Nacional do Mulherio das Letras, em outubro de 2017, aqui em João Pessoa. De pronto, deu-se a sintonia: uma amizade rara e definitiva se apropriou, incondicionalmente, dos imperativos do coração. Fácil falar da amiga. Difícil falar da escritora brilhante que transita pelas vias da poesia, do conto, da crônica, sempre, na esteira da competência, do talento inquestionável. A pluralidade de seus dons, aliada à inquietação artística que habita a mente dos grandes artistas, a faz buscar, constantemente, novas experiências. Desta feita, estreia no romance com a mesma verve, domínio e maestria presentes em todos os gêneros que frequenta. Dona de uma prosa vigorosa, consegue construir, através de pinceladas vibrantes, um quadro de matizes variados com tipos do cotidiano. Contempla, assim, sem pretensões didáticas e com extrema naturalidade, temas que abordam desde o racismo até o feminicídio - barbárie que atinge, em nossos dias, estatísticas alarmantes. A elegante construção do texto tece cortes na narrativa através de capítulos que não obedecem à linearidade cronológica, mas estão absolutamente conectados na tessitura do enredo, assegurando a perfeita coesão da história. O suspense, colocado logo no início, consegue envolver o leitor e manter a sua atenção até o final do romance. Essa obra, vai além das meras narrativas, exhibe um dos *leitmotive* da temática da autora: denunciar, os flagelos sociais, sobretudo, a violência contumaz e cotidiana, contra a mulher, quase sempre passiva, silenciosa. Assim vi “depois o Amor”, um livro instigante que conduz, com propriedade, temas inquietantes que povoam uma sociedade fria, indiferente, incompassiva. Missão cumprida, poeta! Não é à toa que repito: A arte de Lia Sena é atávica, inata, atemporal e corre em suas veias, naturalmente, como os rios correm para o mar.

Águeda Magalhães

Professora e poeta

Capítulo I



Nem que eu viva mais de cem anos vou conseguir esquecer. Ficou tudo aqui, moço, colado na minha mente, nos meus olhos, nas minhas entranhas. A gente vai superando, tentando voltar à vida, se ocupa com outras coisas. É verdade que a família me ajudou demais. Me pagou tratamento. Paga até hoje. Me deu emprego e me botou pra estudar. Fiz faculdade e mudei de vida. Passei por muitos médicos. Faço terapia até hoje. Tudo financiado pela família. Melhorei muito. Estudei, trabalhei e ainda trabalho, casei, tive filho. De vez em quando meu marido me acorda. Tenho pesadelos e grito. Acordo suada, chorando. Meu marido é muito calmo. Me abraça, espera passar. Crio o meu filho com um amor danado. Nunca deixei que ele percebesse minhas crises. O pai me dá muito suporte, mas essa dor, de vez em quando volta. Virei uma espécie de apêndice dessa família. Nossos destinos ligados de um jeito trágico e irremediável. Mas tenho também muita gratidão e afeto por essas pessoas e sei que elas também por mim.

Talvez esse meu desespero silencioso não acabe, porque há uma peça nesse quebra-cabeça, que nunca se encaixou. O silêncio dela. A negação. Esse monstinho germinando que cresce mas não vinga. Esse silêncio e essa visão que se repete, grudadas na minha alma feito visgo. Esse silêncio.

Soluços entre lágrimas, interrompem a fala daquela mulher. Uma fala que pra ela é mais um desabafo. Para o rapaz que a ouve, cada declaração é absorvida com a ânsia de saber mais. Ela levanta e vai até a cozinha beber um pouco de água. O rapaz desespera-se intimamente. Não quer ir embora em meio a essa conversa carregada de um suspense que não revela nada, mas teme pelo bem estar daquela mulher. Pensa em lhe dizer que por hoje não precisa falar mais nada. Que ela deve descansar. Mal consegue disfarçar a alegria quando ela, resoluta, volta à sala e diz pra ele:

- Não se preocupe, agora vou até o fim.

Capítulo II



- Que alegria ter você aqui, amor! Sei que não gosta de flores mortas, então trouxe essas num vaso, pra te receber. Tomara que lembre de mim, toda vez que olhar pra elas no seu apartamento.

- Que lindo que é você! Te amo, sabia?

- Hummm, dá pra me convencer disso mais vezes?

- Bobo! Falo todo dia que te amo; tô ficando até previsível e cansativa!

- Ah, imagina! Eu é que falo o tempo todo que te amo.

- E eu adoro! Adoro tudo em você e é incrível, porque nunca olhei pra nenhum garoto desse jeito, nunca me interessei por nenhum deles. Acho que você é um bruxo poderoso, disfarçado nesse corpo todo bonitão aí.

Ele sorri e a abraça. Cecília, antes tão fechada, quando se conheceram, agora era uma garota leve, divertida e uma onda de bem estar toma conta dele, sempre que estão juntos.

- Eu sou um bruxo que conseguiu trazer sua linda fada finalmente, pra conhecer o apartamento. Um dia mais que especial!

Contemplam por um pequeno instante, o sol que brilha sobre o mar e quase se despede, nessa tarde bonita. Mauro fica de frente pra Cecília e a beija. Ela corresponde com o carinho de sempre e pensa em quanto tem sido feliz, depois que conheceu o Mauro. Sente um leve incômodo e fala com ele.

Amor, saindo totalmente do clima romântico, posso usar seu banheiro rapidinho?

- Claro, minha gata; ali à direita.

- Mas que fofo, esse seu banheiro! Que boy mais organizado, esse meu namorado!

Cecília percorre encantada, o pequeno banheiro com os olhos. Uma plantinha num dos cantos, a bancada de mármore com produtos de higiene, a nécessaire, certamente usada quando precisa passar o dia fora. Lá dentro, creme dental, escova de dentes, desodorante... Na verdade, entrara no banheiro para consertar o soutien que a estava incomodando; precisava colocar num fecho a menos que não apertasse tanto. Ajeitava-se no belo espelho à sua frente, quando o

seu olhar identificou algo na bancada, através do espelho. Ao lado de um perfume, vislumbrou algo que a deixou paralisada. Emudeceu. O coração aos pulos e o suor frio a escorrer por todo o corpo, foi a última sensação da qual se deu conta. Desmaiou ali mesmo, dentro do pequeno banheiro fechado, batendo, ao cair, a cabeça no vaso da planta.

Mauro estranhou o pequeno tombo e o silêncio repentino. Pensou tratar-se de algo que a namorada derrubara. Esperou alguns segundos e, um tanto nervoso, chamou por ela.

- Amor, tá tudo bem aí? Cecília...

Nenhuma resposta, nenhum sinal e ele tinha que decidir o que fazer. Preocupado e indeciso, entre forçar a porta e constrangê-la ou verificar se algo errado estava acontecendo.

Foi obrigado a arrombar a porta. Temendo atingi-la, fez isso com a maior cautela possível. O desespero tomou conta de Mauro quando encontrou Cecília, desmaiada e com um pequeno filete de sangue escorrendo da cabeça.

Completamente fora de si, Mauro ligou pra emergência de um hospital e pediu uma ambulância e, logo em seguida, ligou para a prima de Cecília, Júlia. As duas dividiam um apartamento no Rio de Janeiro, desde que saíram do interior para estudar.

Júlia chegou muito rápido, enquanto a ambulância ainda estava a caminho e aos berros, começou a esmurrar Mauro, achando que ele havia feito algum mal à sua prima. Foi difícil contê-la e explicar.

A essa altura, vizinhos curiosos já apareciam no corredor, tentando adivinhar o que se passava no apartamento. A ambulância chegou e a conduziu ao hospital. A prima e o namorado foram junto, enquanto no prédio, as mais diversas versões eram levantadas pelos moradores. As fofoqueiras animadíssimas, falavam em espancamento, estupro e tudo mais.

Cecília não recobrou os sentidos durante todo o percurso. A angústia e preocupação de Mauro aumentavam a cada instante. Falava com Júlia, tentando entender o que havia se passado, mas não conseguiu nenhuma explicação plausível que lhe trouxesse o mínimo de alívio.

Na bolsa de Cecília estavam os documentos, carteirinha de plano de saúde e o atendimento foi imediato. Depois de vários procedimentos, ela recuperou os sentidos, mas parecia estar alheia à realidade. Esse estado foi interrompido apenas quando gritou um sonoro não, diante do aviso de que seu namorado Mauro, entraria para vê-la. O aparente alheamento deu lugar a uma inquietação e nervosismo que obrigaram os médicos a lhe administrar um leve calmante que a fez adormecer.

O corte na cabeça foi leve e ela já estava medicada, mas foi necessário raspar uma pequena parte dos cabelos, onde foi colocado um curativo.

A prima Júlia, olhava aquele semblante adormecido e lágrimas lhe vinham aos olhos; a Cecília que via agora à sua frente, em nada lembrava a jovem animada e feliz que saíra com o namorado pra conhecer o seu apartamento.

Capítulo III



Desde a mais tenra infância, Cecília fora assistida por psicólogos, terapeutas e psiquiatra. De uma família abastada, dinheiro não era problema. Herdou da mãe, todo o patrimônio que o pai do seu bisavô começara com um pequeno comércio e ao longo dos anos e das gerações, transformara-se numa enorme rede de Supermercados com filiais por várias cidades do Rio de Janeiro e até na capital, nos últimos tempos. Foi criada pela tia, irmã de sua mãe e o marido. Tratavam-na com infinito amor e desvelo, desde que se tornou órfã, aos quatro anos de idade. Os avós, traumatizados com a morte da filha, não tiveram condições de adotá-la. Com o passar do tempo e com a resposta favorável às terapias, a psicóloga aconselhou à família que a matriculasse numa escola de dança. Passou pelo ballet, jazz, sapateado, contemporâneo e a dança parecia lhe fazer muito bem. Era o seu único canal de comunicação com o mundo. Só se relacionava com a família; não fazia amizades, mas com colegas de dança, interagia com muita naturalidade.

Foi aconselhada pela terapeuta, a fazer dança de salão. Isso a colocaria diante da convivência com parceiros e testaria suas reações. Começou com o bolero e a princípio, só dançava com o professor mas, aos poucos, passou a encarar com naturalidade o fato de treinar com outros parceiros nas aulas de dança e partiu para aulas de outros ritmos.

Aproximava-se o final do ensino médio. Sempre introspectiva e caseira, demonstrava gostar das mais diversas artes e lia muito.

- Tia, acho que vou entrar num curso de Letras quando terminar o ensino médio; gosto muito de literatura e assim vou ampliar meus conhecimentos na área.

- Acho ótimo, querida; uma escolha muito boa!

Logo que terminou o ensino médio, entrou com facilidade, no curso de Letras com Inglês. A cidade de interior não oferecia muitas opções e ela não se sentia nem um pouco encorajada a sair da sua cidade e estudar fora.

Passava os dias em torno da faculdade, terapia e as aulas de dança que não deixava por nada. Mesmo em contato com tantas pessoas da sua idade, Cecília jamais demonstrou interesse em namorar; ia a festinhas com a prima Júlia, dançava muito e parecia muito feliz, em contato com a música e a dança, mas as pessoas não lhe interessavam tanto.

Estava no quarto semestre do curso e não parecia tão contente com os conteúdos, professoras e professores. A literatura não tinha tanta ênfase como ela esperava e isso a inquietava bastante. Júlia que terminara o ensino médio chegou com uma novidade.

- Ceci, eu tô ligada que seu grande desejo é fazer faculdade de dança. Sei que não está satisfeita com o seu curso aqui. Pois bem, você sabe que meu sonho é fazer cinema e tenho que ir pro Rio de Janeiro. Pesquisei e na mesma universidade tem o curso de dança. Se você disser que quer mudar pro Rio e cursar dança, mamãe deixa eu ir também. Sei que meus pais são super fofos e liberais, mas sou mais nova que você, eles acham que ainda não tenho responsabilidade pra sair de perto deles. Por favor, prima, diga que quer, por favor!

- Sua maluquinha, isso é coisa séria, tenho que pensar. Teria que trancar o curso aqui. É, confesso que fiquei animada com a ideia; meu sonho é me profissionalizar na dança mesmo. Vou pensar com carinho.

Júlia pulava de contentamento. Sabia que Cecília não estava satisfeita com o curso e acabaria concordando com a ida pro Rio. A mãe não deixaria ela ir sozinha com 18 anos, mas com Cecília, a mãe e o pai, apoiariam com toda certeza. Cecília faria 21 anos em breve e a tia a adorava e sempre fizera todas as suas vontades, tendo em vista, a menina responsável e amorosa que ela sempre foi, apesar do trauma profundo e das dores indefiníveis, pois ela não tinha noção do que a deixava assim. Guardava-as pra si, trancadas a sete chaves, mas deixava escapar no olhar melancólico e no desinteresse por coisas tão comuns ao interesse dos jovens em geral.

-Tá bom, mas por favor, não demore muito pensando; se você decidir, a gente tem tempo de resolver tudo nas férias e começar no próximo

semestre. Você tranca o seu curso aqui, a gente toma todas as providências de documentação, aluguel ou compra de apartamento lá no Rio. Meus pais precisam ter tempo pra digerir e aceitar a ideia e nos ajudar nas providências lá no Rio. Imagina o tanto de coisas que vamos ter que comprar. Ceci, vamos montar uma casa só pra nós; olha que bacana!

Ei, mocinha, calma! Não decidi nada ainda. Como diria meu tio, você está botando o carro à frente dos bois.

Entre muitos risos, as duas se abraçavam e faziam planos mirabolantes para o futuro. Lá no fundo, Júlia vibrava de contentamento; nunca vira sua prima, quase irmã, tão feliz e animada.

Capítulo IV



Fabíola crescera numa família bem religiosa. Seus pais professavam uma religião exigente e castradora. Não frequentou festas durante a adolescência e juventude; não usava roupas semelhantes às que as outras meninas da sua idade costumavam usar. Nunca fumou ou curtiu rock como a juventude da época. Ia apenas aos cultos da igreja e às reuniões festivas nas casas dos irmãos na fé. As pessoas levavam salgadinhos, refrigerantes e sucos, ouviam música e conversavam entre si. Ela se divertia, tinha muitas amizades e alguns paqueras apareciam nessas reuniões, mas ninguém que a interessasse. Com a chegada do novo ano letivo, foi surpreendida por uma sensação nunca experimentada antes, ao conhecer o colega novo.

Foi inevitável a paixão adolescente e, ainda bem, foi correspondida. Hugo também ficara encantado ao conhecer aquela garota esbelta, falante e de olhos tão meigos. O frio no estômago, coração aos pulos e rubor na face, eram constantes, sempre que pensava naquele garoto gentil, de sorriso lindo com quem passou a namorar às escondidas, pois a sua família jamais aprovaria um namoro com alguém “mundano”. Era assim que a mãe se referia às pessoas que não faziam parte da sua religião. Estava feliz, mas ao mesmo tempo, experimentava a agonia de não ter liberdade pra falar do que sentia, pra encontrar o namorado livremente, ir ao cinema, ir a uma festinha. Era desgastante ter que driblar pai e mãe, inventando trabalhos de escola, saída com as colegas e outras mentiras, pra conseguir ficar um pouco com Hugo. Às vezes ele se queixava por não ter a companhia da namorada, em lugares públicos e ficar sozinho, enquanto ela acompanhava a família aos cultos e reuniões da igreja. Apesar de tudo, já estavam juntos há quase um ano e se adoravam, mas algumas coisas foram ficando incontornáveis; Fabíola não tinha coragem de enfrentar a família e Hugo nem cogitava converter-se àquela fé, frequentar aquela igreja. Fabíola, muito conservadora, esquivava-se a qualquer contato mais íntimo e isso deixava Hugo inquieto e irritado. Encontravam-se, geralmente, no imenso jardim da biblioteca que ficava ao lado da escola onde estudavam. Era um

lugar bonito e aconchegante. Havia canteiros com muitas flores e muitos casais de estudantes, namoravam ali. Certa feita, o jardim estava bem sossegado, era um final de tarde. Hugo e Fabíola, não queriam se separar, embora já estivessem extrapolando o horário. Beijavam-se com a ânsia de jovens que se amam e querem estar juntos. Hugo, ousando mais que de costume, desceu a mão que segurava o rosto de Fabíola e deslizou vagarosamente sobre seu seio, enquanto seu corpo, encostado ao dela, mostrava o quanto estava excitado com a proximidade e os carinhos.

- Hugo, eu não esperava isso de você; não quero te ver mais, você não me respeita, você é igual a todos os garotos!

Fabíola chorava, enquanto gritava com ele e Hugo, atônito, tentava argumentar, mas ela não deixava. No fundo, ela sabia que também desejava aquela carícia e se deixasse ele se aproximar, não teria controle da situação, seria uma “perdida”, como a sua família costumava chamar, as garotas que namoravam sem pudores.

Ficou sem falar com ele por uma semana, apesar dos recadinhos, das tentativas de aproximação, dos bilhetes que as amigas entregavam. Sofreram muito e finalmente Fabíola concordou em ouvir o que ele tinha a dizer.

- Me perdoa minha linda, não quero ficar sem você. Prometo me comportar, fazer tudo do seu jeito, mas não me deixa mais assim. Não consigo comer nem dormir direito, nem sair com meus amigos; até emagreci, olha!

Um pequeno riso mal disfarçado surgiu naqueles lábios que ele tanto amava. Abraçaram-se, cheios de saudade e ternura.

O namoro cheio de sobressaltos e pouca liberdade, resistia, apesar do desgaste, da pressão e dos poucos momentos em que podiam estar a sós.

- Fabi, vamos à festinha do Juan no sábado? Não aguento mais ir aos lugares sem você!

-Meu amor, como é que eu posso ir? Não tenho como inventar uma história pra sair num sábado à noite. O que vou dizer pros meus pais?

- Dá um jeitinho; fala que tem um trabalho gigante pra entregar na segunda e pede pra dormir na casa da Telma, pra terminarem o trabalho. Ela te dá cobertura, liga pra tua mãe e confirma a história do trabalho.

- Ah, não sei se tenho coragem; também quero muito sair com você, mas não sei se tenho coragem. Vou tentar!

Enfim, acertaram tudo e ela iria à festa com o namorado no sábado. Fabíola ficou um tanto desconfiada, quando a mãe permitiu que ela fosse dormir na casa da colega com tanta facilidade. Mal sabia que a mãe, extremamente desconfiada com rumores que ouvia na cidade, resolveu jogar a isca, pra ver se ela mordida e confirmava suas suspeitas. Não queria confrontar a filha sem ter certeza, mas muitas fofocas chegaram a seu ouvido, acerca de um possível namoro com um rapaz “mundano”. Fez muitos malabarismos pra que o marido não tomasse conhecimento das fofocas e hoje, estava decidida a tirar isso a limpo.

Fabíola mal cabia em si de alegria, por baixo dos livros e cadernos na mochila, colocou em um saco plástico, um vestido preto, de tecido leve, uma sandália de salto e a pouca maquiagem que usava. Passaria na casa da amiga, apenas pra se arrumar e sair com o namorado. Não seria vista pelos pais de Telma que tinham ido ao cinema.

- Fabi, passa um pouquinho de rímel pra realçar os olhos; eu tenho aqui.

- Telma, eu nem sei usar essas coisas direito, mas está bem, hoje é ocasião especial, vou usar!

Às oito da noite, já estava no portão ansiosa, aguardando Hugo que viria buscá-la. O rapaz pegou o carro emprestado com o pai. Ele já estava a caminho. Fabíola pensava na loucura que estava fazendo e sentia até um arrepio, mas a felicidade que sentia, lembrando que iria pela primeira vez a uma festa com o namorado, era maior que qualquer medo.

- Então a senhora vai fazer um trabalho difícilíssimo com sua colega, não é?

Com a face pálida e crispada, a mãe que surgiu à sua frente, a indagava com uma raiva indisfarçada e cheia de sarcasmo diante da sua tentativa de enganá-la.

Dissera ao marido que Fabíola esquecera um dos livros e que iria rapidamente à casa de Telma para levar.

Fabíola perdeu o chão, a sensação era de que todo o sangue que circulava em seu corpo, subira à face, causando um desconforto imenso. Toda sua alegria, transformara-se num misto de angústia e tristeza; sabia o que estava por vir.

Hugo estacionou o carro e não teve tempo de recuar. Também não pensava em recuar; queria resolver essa situação que tanto o incomodava, de uma vez por todas; queria namorar às claras, queria conversar com a mãe dela e dizer que suas intenções eram as melhores possíveis, que amava Fabíola e não gostava daquela situação.

- Boa noite, senhora; tudo bem, Fabíola?

- Quem o senhor pensa que é, pra dirigir-se a mim com esse cinismo, depois de tramar sair às escondidas com minha filha? O que pretendia? Acha que Fabíola é uma qualquer, sem família que cuide da sua proteção? Afaste-se de mim e da minha filha. Saia daqui agora, antes que eu chame a polícia.

- Não é assim, eu preciso conversar com a senhora e com seu esposo; eu nunca quis que fosse assim, às escondidas, eu amo a sua filha, mas Fabíola tinha medo, não me deixava ir à casa de vocês.

- Não quero ouvir mais nada, desapareça da minha frente agora!

Dirigindo-se à filha, ordenou que pegasse suas coisas imediatamente e fosse embora com ela.

Fabíola entrou, chorando e Hugo partiu desolado. Sentia-se culpado e triste. Sentiu um ódio profundo por aquela mulher e ao mesmo tempo, compaixão, por constatar tamanha ignorância na sua forma de encarar a vida. O pai tentou confortá-lo num abraço, quando viu que voltara desolado, tão pouco tempo depois de ter saído feliz, pra encontrar a namorada.

Capítulo V



Minha vida virou um inferno. Minha mãe e meu pai controlam tudo. Providenciaram uma transferência urgente de colégio. Perdi tudo de uma vez. Meu namorado, colegas com quem estudei desde a infância, num colégio que eu amava, diretora, professores, funcionários, perdi tudo. Fui jogada num mundo árido e estranho. No estado emocional caótico em que me encontro, é muito difícil fazer novas amizades, ter ânimo para estudar. Estou perdida e só. Meus pais repetem o tempo todo que foi para o meu bem. Que eu iria me tornar uma mundana. Que aquele cara ia se aproveitar de mim e me abandonar. Que eu seria uma pecadora aos olhos de Deus e perderia a salvação.

Que raios de bem é esse que me transforma numa morta em vida? Por que não tenho direito de fazer minhas próprias escolhas, decidir, inclusive, se quero essa tal salvação ou viver aqui e agora, com meus erros e acertos? Nunca me perguntaram se era isso que eu queria pra minha vida. Se a fé que havia em mim, é a mesma que eles professam. Vou arrastada àquelas reuniões de estudos bíblicos. Vejo hipocrisia em muitas atitudes ali. Não posso falar, os castigos só pioram, quando tento argumentar alguma coisa. Sou a mentirosa. A que enganou os pais que lhe criaram com tanto amor. Queria virar uma mundana. São os argumentos constantes deles. Eu me calo. Me violento. Me arrasto todos os dias até a escola, acompanhada por meu pai e minha mãe. Vou até a igreja, quando minha vontade é dormir, dormir. Talvez nunca mais acordar.

O caderno de confidências passara a ser a melhor companhia de Fabíola; os textos frequentes, ajudavam-na a desabafar e não cair de vez em depressão.

Capítulo VI



- Que família horrível, cara; a garota definhando, sofrendo e eles não abrem mão dessas crenças absurdas.

Eu também tô sofrendo pra caramba! Quatro meses e eu não saí com ninguém; nem penso em namorar e já esgotei todas as tentativas de me aproximar da Fabi novamente. Parecem uns cães de guarda raivosos. Desisto, não aguento mais. Meu pai disse que talvez a gente precise mudar de cidade novamente; se fosse antes, eu não iria de jeito nenhum, mas agora, acho que é até melhor. Ir pra longe, tentar esquecer.

- Com certeza, Hugo; vocês ainda vão viver um bocado de coisa aí pela frente. Você é muito novo pra se apegar assim; vai conhecer outras garotas e se amarrar.

- Sei não, viu cara! Passamos mais de um ano juntos. Encarei todos os problemas pra ficar com ela, mesmo com todas as restrições que nos impunham e agora dá nisso.

No ano seguinte, o pai de Hugo foi novamente transferido no trabalho e assim, mudaram de cidade. O Seu Luís, na verdade, fez tudo pra conseguir essa transferência; sabia que o filho continuava abatido e isso o incomodava muito, a ele e à esposa, especialmente. Dona Judite, a mãe de Hugo, sentira até vontade de fazer uma visita à mãe de Fabíola e lhe dizer umas verdades, mas Hugo e o pai, não permitiram; sabiam que de nada adiantaria e seria um desgaste pra ela. Começariam vida nova e, por certo, o filho voltaria a ser um rapaz animado e alegre.

A tristeza de Fabíola, aos poucos, deu lugar a uma apatia que não a paralisava, mas fazia com que parecesse um autômato. Fazia tudo mecanicamente, sem entusiasmo ou alegria, mas voltou a ser excelente aluna e a frequentar resignadamente, a igreja. Aos poucos, voltou às amizades antigas e a melancolia não era tão profunda.

A partida de Hugo, fora um golpe duro demais. Uma sensação de abandono, embora tivesse certeza de que essa era a melhor coisa a fazer. Eles não se viam, não se falavam, apenas se torturavam com a ausência e lembranças. Não tinham esperança. Ela não tinha

coragem pra enfrentar os pais ou romper com eles. Eram muito jovens e ambos dependiam dos pais. Durante algum tempo, ainda teve algumas notícias dele, depois os amigos ficavam constrangidos em comentar com ela sobre a nova vida de Hugo; novas perspectivas, novos namoros. Algo morreu dentro dela. Resignou-se e seguiu, mas nunca mais namorou ou se interessou por alguém.

Capítulo VII



O novato que chegou à igreja, causou um burburinho geral entre as garotas. Todas iam ao culto, muito mais arrumadas. Puxavam assunto, convidavam o rapaz pra vários programas, mas ele não dava muita bola, parecia bem focado nos seus objetivos na nova cidade. Era um rapaz bonito, alto, inteligente, mas um tanto fechado. Não era de muito riso, nem de muito papo. Fervoroso em sua fé, pretendia ser o novo pastor da igreja. Ajudava nos negócios do pai que abrira uma pequena loja de produtos importados. Era metódico e organizado. Mais velho que a maioria dos jovens da igreja; já beirava os trinta. Fez um curso de teologia e até viajou para congressos da religião, fora do país. A mãe de Fabíola virou uma grande alcoviteira; apesar da indiferença com que a filha a ouvia, não parava de falar dos atributos de Celso, o novato da igreja.

Logo o interesse de Celso, juntou-se aos desejos da mãe alcoviteira. Ele ignorava o assédio das outras meninas, mas sempre buscava Fabíola com o olhar, puxava uma conversa e até convidou-a para ir ao cinema. Ela recusou com a desculpa de que estava trabalhando numa das lojas do Supermercado dos pais e estudando pro vestibular.

Não fora fácil convencer os pais de que queria cursar uma faculdade. Segundo eles, ela já estava em idade de casar. Viveria para a igreja e a família e não precisaria trabalhar pra ter dinheiro, visto que herdaria junto com a irmã mais nova, toda a rede de supermercados, quando eles partissem, mas ela fincou pé, argumentou que apesar de contarem com ótimos gerentes em cada filial, ela precisa entender o mínimo dos negócios, pra qualquer eventualidade. Cursaria administração e, para não acarretar mais um desgosto à filha, resolveram concordar. Faria vestibular em breve e a dedicação aos estudos, era uma boa válvula de escape.

A paquera de Celso, durou meses. Fabíola já estava na faculdade quando começaram a namorar. Ficaram amigos por um bom tempo. Ela o achava bonito e cativante, cobrindo-a de mimos e sua resistência foi diminuindo aos poucos, até que admitiu que gostava

dele e queria namorar. O fanatismo religioso a incomodava um pouco, mas fechou os olhos a isso e resolveu lhe dar uma chance.

A mãe e o pai, não cabiam em si de alegria. Nem se incomodavam por ele não ter uma vida profissional definida, o importante é que ele era um fervoroso cristão e em breve seria um pastor.

Namoraram por três anos; Fabíola queria se formar antes do casamento, com receio de ser pressionada a parar de estudar. Ela gostava da companhia dele. Os pais confiavam e eles iam juntos ao cinema, passeavam no parque da cidade, iam às festinhas organizadas pelo pessoal jovem da igreja e o namoro corria entre beijinhos e abraços. Sexo, só depois do casamento; isso era um consenso entre eles. Fabíola sentia falta de um pouco mais de emoção, daquele frio no estômago que sentira com Hugo. Celso não ousava; jamais tentou uma carícia mais íntima. Andavam de mãos dadas, se abraçavam e se beijavam, mas Fabíola, apesar de sentir algumas coisas, muitas vezes, nunca sentiu nele um ardor, um desejo aflorado.

Celso era ótima companhia; educado, gentil, contido, mas carinhoso. Uma vez ou outra, demonstrava uma certa irritabilidade, quando ela falava com um amigo, quando citava um colega de faculdade ou quando a encontrava com amigas da faculdade que se vestiam ou se comportavam de forma que não estava dentro dos padrões da religião deles. Fazia uns comentários breves, mas logo disfarçava, lhe fazendo um carinho e mudando de assunto. Sua mãe lhe dizia que ciúme era prova de amor e ela acreditava.

- Filha, Celso ligou e disse que vem daqui a uma hora. Disse pra você se arrumar que vocês vão ao cinema.

- Ai mãe, tô tão cansada e tenho um trabalho importante da faculdade pra amanhã. Acho que vou dizer pra ele que não vou.

- Filha, pelo amor de Deus, não fique decepcionando o rapaz que lhe dá tanta atenção. Por isso que a gente não queria que você fosse pra essa tal faculdade, tá vendo? Vai acabar atrapalhando seu casamento.

- Que horror, mãe, eu não tenho que viver só em função do meu namorado. Eu tenho que ter minha independência também!
- Fabíola, você não começa; se teu namorado te ouve falando assim...
- Tá bom, tá bom, eu vou me arrumar. Me dá licença, por favor mãe; chega! Quando eu voltar, faço meu trabalho. A senhora venceu.

Capítulo VIII



Fabíola e Celso, viviam aquela felicidade morna que as pessoas de fora achavam o máximo.

- Nossa, que casal lindo, eles formam! Que felicidade, hem Judite, ver a filha casada e feliz desse jeito?

- É minha irmã, é bom demais! Minha preocupação agora é com Irene que já ficou moça e tem o nariz muito mais empinado. Vai pra igreja, obrigada e apesar dos castigos, responde à gente, sai com as colegas, um verdadeiro inferno, minha irmã!

- Muita oração, irmã; Jesus vai providenciar um marido bom pra ela também.

- Amém, minha querida. Só muita oração!

As pessoas viviam naquela perguntação sobre gravidez; queriam saber quando Fabíola, finalmente, daria um netinho aos pais. Ela sempre respondia que ainda era cedo e as tias e amigas da mãe, entreolhavam-se com um ar de reprovação.

Fabíola não tinha pressa, gostava da liberdade de dormir até mais tarde e poder ajudar nos negócios da família, sempre que necessário, embora Celso não gostasse. Ficava emburrado quando ela ia a uma das lojas, resolver questões administrativas e alegava que o dinheiro dele era suficiente para manter bem as despesas deles.

- Meu bem, eu estudei justamente pra isso; os negócios cresceram muito e meu pai não tem tanta capacidade assim pra gerir tudo sozinho. Ele nem me cobra horário, vou quando é necessário e quando posso.

- Eu sei, eu sei, é que amo muito minha mulherzinha e queria que ela não fosse tão metida a auto suficiente.

Dizia isso em meio a carinhos nos cabelos, beijinhos no pescoço, que a desarmavam e por alguns instantes, achava que aquelas pequenas dúvidas que tinha, de vez em quando, sobre a sua felicidade no casamento, eram invenção da sua cabeça. Tinha um marido maravilhoso!

Celso continuava muito metódico e um tanto fechado. Assumira o cargo de pastor e se concentrava muito nas obrigações ligadas à

igreja. Faziam sexo, uma ou duas vezes por semana. Muitas vezes era ela que se aconchegava nele e insinuava o desejo. Era carinhoso, mas não ousava. Fazia algumas carícias preliminares que lhe faziam acreditar que satisfazia plenamente a esposa, mas raramente isso acontecia. Não raro, Fabíola via o marido adormecer satisfeito, enquanto olhava pensativa pra ele. Casara-se virgem; não conhecera outros homens na intimidade, mas intuía que não devia ser só aquilo. Ouvia alguns comentários das amigas da faculdade, quando estudava; falavam de sexo oral, posições diferentes e ela, sem graça, apenas sorria enquanto elas falavam. Era tudo muito repetitivo e formal; não havia arrepios de paixão e ela achava sua vida sexual quase uma missão a cumprir.

Certa feita acordou assustada com os gritos do marido.

- Acorda mulher o que você tanto sonha, gemendo feito uma vadia! Pela primeira vez, ele não conseguira disfarçar a fúria; havia alguma coisa de sinistro em seu olhar e ela ficou desesperada.

- Celso, que horror! Como é que você me acorda desse jeito? Você está me desrespeitando, querendo controlar meu sono. Meu Deus, que absurdo!

- Desculpa, meu amor, desculpa! Por favor! Acordei com seus gemidos e comecei a ficar descontrolado, ainda sonolento, não sei o que te disse. Me perdoa!

Ele tentou abraçá-la, mas dessa vez ela não conseguiu engolir o asco que aquela proximidade lhe causou. Calada, levantou e foi até a cozinha beber água e permaneceu na sala, no escuro, por um longo período. Ele ficou tão envergonhado com o descontrole, que não veio perturbá-la. Sentou na cama e leu a bíblia, até quase amanhecer, quando adormeceu, vencido pelo cansaço.

Fabíola, que se considerava uma esposa feliz e achava que algumas insatisfações que lhe rondavam de vez em quando, eram apenas implicância dela, dessa vez, pensou seriamente sobre o seu relacionamento. Pensou nas inseguranças eventuais do marido, nas suas noites de desejo não satisfeito, nas cobranças quando ela ia trabalhar, nas opiniões sobre as roupas que ela usava... Mas uma

inquietação maior rondava sua cabeça há uns dois dias. Sua menstruação, extremamente pontual, estava atrasada há dez dias. Não comentara com ninguém, nem com a mãe, mas na segunda feira, decididamente, faria o teste no laboratório.

Capítulo IX



A família estava excitadíssima e feliz. Dona Risoleta não cabia em si, com a notícia da gravidez de Fabíola. Por ela, comprariam enxoval, móveis, tudo no dia seguinte, mas ponderava que seu neto merecia o melhor e não compraria essas coisas industrializadas, sem valor. O enxoval tinha que ser bordado e todo em tecidos finíssimos que ela providenciaria.

Celso ficou feliz, daquele jeitão contido dele e Fabíola parecia ter mergulhado num novo universo. Sentia uma felicidade estranha, arrebatadora que não a deixava pensar em mais nada. Tudo ficara muito pequeno diante daquilo. Seria mãe e isso a encantava, enchia os seus dias. Passara a sentir uma alegria indefinível e não havia problema que a incomodasse.

- Celso, tô com muita vontade de comer abacaxi. Preciso comer abacaxi agora!

- Meu bem, você nem gosta de abacaxi e são onze horas da noite, Fabi! Onde vou encontrar abacaxi agora?

- Ah, vai correndo na casa da minha mãe; lá sempre tem. Corre, meu filho não vai nascer com cara de abacaxi.

Mesmo sonolento, Celso não conseguiu disfarçar o sorriso e afagou o rosto da esposa, antes de pegar o carro e sair em disparada em direção à casa dos sogros.

A gravidez corria tranquila e lá pelo quinto mês é que ela se interessou em perguntar o que viria, enquanto a médica fazia o ultrassom de rotina.

- uma menina! Você espera uma menina.

- Uma alegria imensa tomou conta dela. Queria muito ter uma menina. Sonhava com isso às escondidas, embora Celso e sua família, sempre se referissem ao seu bebê como menino.

A notícia mudou alguns planos. Segundo dona Risoleta, nada de azul no enxoval; no máximo branco e amarelo, seriam coadjuvantes do rosa. Fabíola não se importava com nada disso. A perspectiva de ter uma menininha, enchera-lhe ainda mais de um contentamento que não conhecera antes.

Capítulo X



Fabíola e Celso, ocupavam um andar inteiro de um prédio luxuoso, num condomínio central. O quarto da bebê, meticulosamente preparado, era lindo! Ocupavam o primeiro andar do prédio e tinham vizinhos no andar superior e no térreo. Celso providenciara um isolamento acústico, pra não incomodar os vizinhos, pois tocava órgão na igreja e gostava de ensaiar em casa. Tocava e cantava alto, às vezes, mas não incomodava nenhum vizinho e a bebê dormia tranquilamente em seu belo quarto. O vizinho de cima era médico e além do consultório, trabalhava no Hospital Geral da cidade. Um hospital que, embora público era extremamente bem equipado e, não raro, até os mais ricos, preferiam ir pra lá. Renato, o médico, admirava muito o casal e tinham uma boa relação de amizade, embora não muito próxima, pelas questões religiosas. Renato adorava a bebê e a qualquer vestígio de cólica, febre ou pequeno resfriado, atendia com todo amor sua pequena cliente e vizinha. No térreo, morava um casal de idosos, muito ricos, com muitos funcionários, mas à noite, ficava apenas uma governanta que morava com eles.

Celso não cuidava muito da bebê; nunca trocou uma fralda. Alegava sempre que tinha medo de quebrar aquele serzinho tão frágil em suas mãos. Contrataram uma enfermeira, mas Fabíola dedicava-se à filha com todo esmero. Nunca terceirizou os banhos, a troca de fralda, os passeios pra pegar sol e alimentava a filha, apenas com o leite materno. A médica a orientara e ela seguia à risca; até os seis meses, não precisa de mais nada, apenas leite materno. O esposo ficava encantado, vendo-a amamentar o bebê, dar banho e tudo mais, mas estranhamente, de vez em quando, expressava um certo ciúme; queria que a esposa desse mais atenção pra ele e deixasse a filha com a babá.

A família também ficava enchendo com aqueles velhos pitacos que atormentam as jovens mães. “Tem que dar mais atenção pro marido.” Essa menina tá com fome; seu leite é muito ralo, não sustenta.” Faz uma papinha pra ela e dá na mamadeira, assim você pode sair com seu marido”. Era tanta pressão que às vezes, ela ia ao

cinema ou à praça de alimentação com ele, mas não conseguia se concentrar em nada. Fingia estar se divertindo, mas a vontade era de voltar pra casa correndo. Nunca cedeu às pressões de mudar a alimentação da menina e ela crescia, saudável, bonita e forte. Aos três meses, já estava enorme e lhe doíam as costas ao carregá-la, mas a felicidade que sentia, era imensa.

- Meu bem, quero te fazer uma proposta; não me leve a mal, mas acho que a gente está precisando de mais privacidade e eu pensei que a gente poderia ir a um Motel.

Celso apareceu com essa novidade quando Cecília tinha quase um aninho.

- Celso, como assim? Nunca me chamou antes pra ir a um motel; nunca conheci um lugar desses, porque isso agora?

- Estamos precisando, essa criança está lhe sugando demais. Precisamos de tempo pra nós...

A forma como se referiu à filha, acabou com qualquer entusiasmo que o convite poderia ter proporcionado. Que jeito mais frio de lidar com a paternidade. Ela ficou chocada, mas aceitou. Organizou toda uma logística, tirou leite do peito com a bomba e deu mil recomendações à enfermeira e à babá. A bebê já se alimentava de outras coisas, mas Fabíola manteve a amamentação, por isso, tinha certeza que a menina choraria se não tivesse o leite materno, antes de dormir. Tinha até um pouco de esperança de que Celso a surpreendesse e a noite fosse agradável e prazerosa.

O comportamento de Celso foi morno como sempre. Agia mecanicamente como sempre fizera em casa. Parecia ignorar todo o esforço que a esposa fizera pra sair. Ele não movera uma palha. Queria apenas tirá-la de casa, sem nenhuma providência da sua parte. Parecia ignorar até a lingerie preta e bonita que ela fez questão de usar para a ocasião e ele tirou apressadamente.

- O que se passa na cabeça desse homem, meu Deus? Por que tanta questão de sair comigo e aqui me trata quase com indiferença? Qual é o verdadeiro propósito? Eu não entendo!

Depois de um sexo quase apressado, menos carinhoso do que costumava acontecer em casa, no qual, cada estocada do seu membro dentro dela, significara um martírio, ele, totalmente alheio a tudo e cansado do dia de trabalho, adormecera sem nenhuma consideração, ao seu lado.

Fabíola chorava silenciosamente, enquanto o observava e uma revolta muda, tomava conta de todo o seu ser. Não pregou o olho; sentia ódio de si mesma por ter ido com ele àquele lugar. Pensava na filha em casa e rezava pra que o dia amanhecesse logo.

- Filha, papai tava morrendo de saudade! Vem ficar no colo do papai, vem!

Nunca tratara a menina com tanto carinho, como naquele dia, após a nefasta ida ao motel. Percebera o ar esgotado e triste da esposa, pela manhã, embora ela fizesse o máximo pra manter a dignidade. Nem sugeriu que tomassem café por lá. Fingiu estar com pressa pra ver a filha e se desvelava em gestos carinhosos com a esposa que beijara longamente ao acordar.

- Obrigada pela noite maravilhosa, querida; obrigada por aceitar o meu convite. Eu te amo!

Em silêncio, ela o abraçava, pra que ele não visse em seus olhos, toda a revolta que aquele cinismo lhe causava. Estava atônita, estupefata e não sabia como agir.

- Querida, só vamos à igreja à noite; vamos aproveitar o sábado com a nossa filha.

- Mas não tem um encontro de jovens hoje à tarde; você não marcou com eles?

- Pedi pro irmão Evilásio me substituir; expliquei pra ele que quero passar mais tempo com minha linda esposa e minha filha.

Capítulo XI



Cecília teve alta do hospital. Clinicamente estava bem, mas parecia um zumbi. Não expressava reação aos estímulos, não se emocionava, não falava com ninguém. Decididamente, aquele semestre estava perdido para os três, Cecília, Júlia e Mauro. Cecília e Júlia, retornaram à casa da família, no interior e Mauro, completamente desorientado com os acontecimentos, não teria a mínima condição de encarar a faculdade. O que mais lhe atormentava, além do fato de estar longe da namorada, era o fato de não entender o que se passara. Não conseguia fazer a menor ideia do que teria provocado o desmaio e o consequente mal estar de Cecília que resultara naquele estado quase catatônico no qual ela se encontrava. Júlia estava totalmente atônita e perturbada. Por uma situação que não fora provocada por ela, teve que trancar a faculdade, voltar pro interior e se afastar da namorada que ela tanto gostava. Sim, Júlia namorava Susy há seis meses. Eram quase inseparáveis. A princípio, Júlia tivera muito receio de expor aos pais e até à própria prima, Cecília, a sua homossexualidade e a paixão por Susy; na verdade, Cecília intuía que o desejo de Júlia de estudar fora, tinha a ver com o receio da desaprovação dos pais quanto à sua orientação sexual. Ficou namorando às escondidas; não levava a namorada ao apartamento onde morava com a prima, nem tinha coragem de contar aos pais, até que um dia, quando passava o fim de semana em casa, a mãe chamou-a para uma conversa.

-Júlia, acho que você quer falar comigo, fique à vontade!

- Como assim, minha mãe? Falar o quê?

- Filha, sei que seu coraçãozinho está apertado, faz tempo; sei o que lhe angustia; sei das inseguranças que atravessa; sei que não é fácil pra você, mas não queria forçar uma conversa. Queria que fosse espontâneo, que você decidisse me contar e pronto. Você sabe que eu e seu pai não somos nada caretas; seria até hipocrisia da nossa parte, se fôssemos, afinal, rompi com todos os limites que minha família impunha, rompi com a religião à qual era obrigada a seguir e fugi com seu pai, pra que conseguíssemos ficar juntos. Casamos, tivemos você que é uma filha linda; acha mesmo que ficaríamos

contra você? Que de alguma maneira, cercearíamos a sua liberdade de ser o que você é? Nós te amamos e só queremos que seja feliz.

- Mãezinha, você é o máximo; eu te amo.

Com os olhos tomados pelas lágrimas, as duas se abraçaram e não precisavam dizer mais nada. O pai em silêncio, juntou-se a esse abraço e beijou muito a face da filha. Júlia experimentava uma felicidade que nunca sentira antes e a partir desse dia, não precisou esconder mais nada. Infelizmente, a situação agora era muito tensa; estava longe dos estudos, longe de Susy, que continuara o semestre no Rio e só podia vir num fim de semana ou outro e enfrentando aquela ebulição na família que preocupava demais a todos.

Cecília voltara ao tratamento intensivo; só saía de casa para médicas e médicos, exames e até uma aula de ioga que a psicóloga recomendou. Nem a paixão pela dança a mobilizava. Não retornou às aulas que tanto amava e cada dia mais reclusa, contava com o carinho e estímulo de conversas e atividades, apenas com a família. Júlia estava muito angustiada; retornaria à faculdade no próximo semestre e a prima não apresentava melhoras; não demonstrava o mínimo desejo de voltar ao seu curso no Rio de Janeiro e nem demonstrava ter condições pra isso. A tia Irene tentava tirá-la de casa, levando-a ao cinema ou ao teatro, às vezes. O tio João, andava extremamente atarefado com a administração das inúmeras lojas do mercado, já que Irene abandonara por completo a rotina de ajudá-lo e não havia nenhum parente capacitado para ajudar. Viu -se com o dever de tomar as rédeas da situação. Era economista, mas gostava muito mais de artes; teve até uma banda na juventude e pintava lindas telas que agora enfeitam a casa. O curso de economia acabou sendo muito útil e as atividades artísticas, ele conservou como hobby. A empresa contava com muitos gerentes responsáveis e de muita competência, mas a administração geral ficava a cargo dele.

João fora execrado pela família de Irene no passado. Quando começaram o namoro, enfrentou a sogra Risoleta; não concordou em namorar escondido, como fizeram Fabíola e Hugo. Os sogros não deixaram por menos e ameaçaram a filha de expulsá-la de casa e

deserdá-la, caso prosseguisse o namoro com esse rapaz mundano e atrevido. Seu Antonio era mais contido, menos fanático pela religião, mas acatava tudo que Risoleta decidia. Irene que desde a adolescência, mostrara-se rebelde e apesar das surras e castigos, encarava a mãe com seu jeito decidido e não se dobrava, parou definitivamente de frequentar a igreja e diante das ameaças da mãe de expulsá-la de casa e deserdá-la, não fez por menos, decidiu ir embora com o namorado; casaram-se numa cerimônia simples, num cartório, alugaram um pequeno apartamento e foram viver juntos. Ela, apesar dos resmungos da família, trabalhava e estudava à noite e João também tinha a mesma rotina. Construíram uma vida simples, mas feliz, longe dos luxos da família de Irene e do fanatismo religioso. Quando Júlia nasceu, ambos haviam terminado a graduação e tinham uma situação financeira melhor. Foi logo após o nascimento da menina que tudo mudou na vida de todas as pessoas da família.

Capítulo XII



Há pouco mais de um ano, Júlia voltara aos estudos no Rio, sozinha. Cecília continuava no interior e não demonstrava o menor interesse em voltar. Havia uma certa melhora; demonstrou um desejo repentino de voltar às aulas de dança e já não estava mais reclusa. A tia, Irene, estava exultante e cheia de esperança; o tio João, alegrava-se com o fato de sentir a sua esposa mais leve, mais dedicada a ele e ao trabalho na empresa. Quase voltaram à antiga parceria completamente, mas ainda havia a preocupação com Cecília que não se libertara do trauma e apesar do pequeno avanço, permanecia naquele seu mundo inalcançável e misterioso que não dava acesso a ninguém.

- Tia, hoje tem ensaio na escola de dança, até dez da noite. Eu não queria participar desse espetáculo, mas o professor insistiu muito e eu acabei concordando. Agora, tenho que ensaiar muito. Fiquei muito tempo parada e isso pesa.

- Ceci que notícia maravilhosa! Claro que você vai dar conta e vai dançar lindamente, como sempre. Tempo, você tem bastante, então é só ensaiar. Ah, estou tão feliz por você, querida; doida pra ver esse espetáculo.

Então tive uma ideia, vou ao cinema com o seu tio hoje; pegamos a sessão das 20 h e na volta, pegamos você na Academia, assim não precisa vir de táxi.

- Certinho então, tia. Agora vou com Marcinha e a mãe que vão me pegar aqui.

Há muito preconceito no mundo da dança, especialmente no ballet clássico, com relação a meninas negras e altas. Cecília puxara ao pai, um homem negro, bonito e bem alto. A mãe não era branca, mas era bem mais clara e os cabelos lisos. Da mãe herdara os olhos meigos e claros, quase verdes. Na verdade, é uma linda mulher; negra, esbelta, cabelos crespos que vão até quase a cintura, a postura incomparável que os anos de balé lhe concederam e aqueles olhos que encantavam a todos, mas mesmo assim, sentira na pele um pouco de preconceito, quando a colocavam sempre na fileira de trás nas apresentações. Acontece que sempre se destacava, mesmo não

estando à frente; dançava muitíssimo bem, sua postura era perfeita e além de tudo, tinha o fato de ser uma menina rica, o que coibia muito as atitudes dos preconceituosos de plantão. Afinal, sabe-se muito bem que nesse país, a pobreza aliada à pele preta, gera uma carga de preconceito muito maior e mais evidente. O fato é que nas apresentações de balé contemporâneo, sempre havia um solo de Cecília. Também era muito convidada para fazer dupla com os melhores dançarinos nas apresentações de tango, bolero e demais ritmos. Com a base dos anos de ballet clássico aliados ao talento natural e disciplina nos ensaios, ela se saía bem, nos mais variados ritmos.

O ensaio começara às 18 h, como previsto; a animação era grande na academia de dança. Alunas e alunos das mais variadas idades, conversavam, riam, faziam vídeos dos ensaios, enquanto aguardavam a vez da sua coreografia. Os ensaios gerais eram sempre muito animados, exceto nos momentos mais tensos, em que alguém levava bronca, ou tinha dificuldade no desempenho. Cecília tinha um número solo de contemporâneo e dançava em outras cinco coreografias. O ritmo dos ensaios era sempre muito intenso pra ela. O tango ainda não tinha uma coreografia montada e ela estava ansiosa pra começar os ensaios, pois tinha certeza que seria das mais difíceis.

Finalmente o professor liberou os demais alunos e chamou-a, junto com o parceiro com quem dançaria. O professor foi passando aos poucos, os passos e ela logo percebeu que a coreografia seria bem teatral; retratava uma relação abusiva que nos passos da dança, evidenciava-se. O tango é um ritmo de movimentos muito tensos, bem dramáticos. Havia um vai e vem de aproximação e afastamento, carinho e repulsa e em determinado momento, o parceiro teria que simular um tapa em seu rosto. Cecília surtou de uma hora para outra. Entrou em pânico; gritava, chorava e arranhava com as próprias unhas, braços, coxas e pescoço. Ficaram todos desesperados. Marcinha, a colega que lhe dera carona, já havia ido embora e a tia que ficara de ir buscá-la, ainda não havia chegado, pois não estava

no horário. A professora acalmou-se um pouco e ligou para a tia, mesmo sabendo que ela poderia não atender, pois estava no cinema. Felizmente, Irene sempre atenta às possibilidades de algo acontecer a Cecília, deixou o celular ligado, tirando apenas o volume. Sentiu vibrar na bolsa e sabendo da terrível novidade, em 10 minutos chegaram à Escola de dança.

O estado de Cecília era lastimável quando eles chegaram. Embora o pessoal tentasse evitar o máximo, segurando-a, ela se debatia e se arranhava. Pernas e pescoço, estavam com vestígio de sangue e só a tia conseguiu contê-la, abraçando-a muito forte. Ela, aos soluços, repetia, - eu sei, tia, eu sei; eu sei de tudo, tia!

Capítulo XIII



Fabíola acordou assustada e surpresa, em meio às carícias; nunca acontecera antes, o marido acordá-la com carinhos no meio da madrugada.

- Celso, o que foi, perdeu o sono?

- Não querida, fiquei observando você aí dormindo, tão linda, não resisti!

As carícias continuavam e Fabíola meio tensa e sonolenta, ficava cada vez mais perplexa. O dia não fora fácil; tivera que ir às pressas a uma das lojas do mercado, resolver uma questão urgente. Colocou a filha na cadeirinha no carro, levou-a até a casa da mãe e seguiu para o trabalho. Celso não gostava quando ela ia a essa loja. Havia um gerente bonitão, no qual ele botava mil defeitos, pra disfarçar a implicância gratuita. Dizia que o rapaz era desatento, irresponsável e ficava arrumando problemas pra esposa dele ter que ir até lá. A verdade é que ele tinha ciúmes. O rapaz era extremamente responsável e organizado, mas a loja era grande e muitas pendências tinham que ser resolvidas por Fabíola, pois não eram da sua competência de gerente. Quando Fabíola retornou com a filha, ele já havia chegado do trabalho da igreja. Estava muito irritado e não conseguia disfarçar; foi ríspido com ela na frente da criança e não quis jantar. Resmungou bastante e foi para o escritório que mantinha no apartamento com a desculpa de trabalhar até tarde. Fabíola sempre ficava triste e desanimada com essas atitudes do marido. Andava exausta com as repetitivas frustrações, o comportamento imprevisível dele ora carinhoso ora grosseiro. Distraía-se nas brincadeiras com a filha, agora com quatro anos e seguia em frente, mas sempre se questionando, acerca do casamento. Como sempre, não conseguia tomar uma decisão firme, romper os laços, acabar com aquele casamento. Não precisava daquele homem pra nada; tinha o seu trabalho, era independente, tinha família, era rica, mas ficava presa aos padrões da religião, relevava, queria uma família feliz para a filha e assim como fez no passado, no caso de Hugo, não conseguia enfrentar a situação de um

jeito mais firme; deixava a agressividade dele passar, se afastava e depois imaginava que tudo ficaria bem.

Celso investia cada vez mais nos carinhos, apesar da sonolência e passividade da esposa. Ela estava confusa. Ele parecia firme no propósito de seduzi-la, mostrar um interesse sexual mais ousado, mas ela não sentia que ele estava excitado. Parecia uma encenação.

- Meu bem, cuidado; nossa filha pode acordar!

- Não, ela está dormindo profundamente. Gostosa, deixa eu te comer todinha, vem! Eu quero você todinha; quero fazer tudo que você sonha. Vou transar com você até de manhã. Eu sei que você gosta assim, não é? Eu sei que você sempre quis assim.

Fabíola estava perplexa e desconfiada. O marido sempre tão formal, nunca falara assim com ela durante o sexo. Por que logo hoje, quando estivera tão irritado com ela. Não conseguia se concentrar, estava atemorizada e mil pensamentos rondavam sua cabeça.

- Meu Deus, por que nunca consegui tomar uma decisão. Por que já não me separei desse homem que não consigo entender?

Celso arrancou a calcinha que ela usava por baixo da pequena camisola e começou um sexo oral meio desajeitado e mecânico, mas repetia palavras que julgava excitantes e fingia uma excitação que não sentia. Em meio às carícias, de vez em quando ela podia ver os olhos dele e ficava assustada. Havia algo de sinistro ali. Não era amor; não era tesão.

Agora totalmente nua, Fabíola estava deitada de bruços na imensa cama do casal e ele beijava seu corpo inteiro. Seu pescoço, suas costas, seu bumbum bem torneado, suas coxas. Segurava seus cabelos e, por vezes, ela sentia que ele puxava com certa força, fingindo mais excitação. De repente, virou-a e disse que queria realizar uma fantasia que tinha há muito tempo.

Cada vez mais perplexa, Fabíola tentava corresponder às investidas dele, mas no fundo, sentia-se violentada. Não havia nenhum prazer, não havia nenhum desejo de estar na cama com aquele homem que a tratara tão mal, mais cedo.

- Uma fantasia? Como assim, Celso, você nunca me falou em fantasias!

Celso rolou rapidamente na cama e abriu a gaveta da mesinha ao lado. Fabíola, nesse momento, ficou extremamente apavorada, ao perceber o que ele tinha nas mãos. Tentou erguer-se da cama, mas ele a segurou firmemente, fingindo carinho.

- Calma, meu amor. Vamos falar da minha fantasia. Acho que você vai topa. É tão simples!

- Por que essa tesoura, Celso?

Os olhos de Fabíola estavam arregalados e ela tremia, convulsivamente.

- Relaxe, meu bem; vou aparar seus pelos pubianos; sempre imaginei fazer isso, mas nunca tive coragem de te falar. Você está achando uma bobagem, não é? Por favor, não ria de mim. Deixa, vai! Depois vou fazer amor bem gostoso com você.

- Celso, você sempre disse que gostava dos pelos um pouco crescidos. Por que isso?

- Eu gosto; vou aparar só um pouquinho!

Ele deslizava a tesoura, lentamente pelo corpo de Fabíola. Pelos seios, pelas coxas, voltava pelo abdômen e subia até o pescoço, descia até os pelos e repetia:

- É assim que você gosta não é? Eu sei que você gosta. Diga, sua vadia, diga pra mim que você gosta. Diga, estou esperando você me pedir. Diga o que você gosta, sua putinha. Vou te comer do jeito que você gosta. Você é uma vadia, uma vadia. Você queria que ele te comesse assim, não é? Sua puta. Goza agora, sua puta. Eu sei que você goza pensando nele. Vadia, vadia.

Capítulo XIV



- Tia, eu sei, agora eu sei de tudo. Eu lembrei, eu lembrei. Meu Deus, eu lembrei!

Cecília estava pálida e quase sem voz de tanto agitar-se, gritar e machucar o próprio corpo. Irene e João, conseguiram fazer com que ela tomasse um calmante, quando já exausta, não conseguia mais chorar nem gritar. Ainda bem que Júlia estava no Rio de Janeiro e não presenciou aquela cena. A tia e o tio, sabiam bem do que se tratava. Sabiam que o que eles lutaram a vida inteira pra manter oculto, aflorara e estava bem nítido para Cecília. Temiam o que aconteceria dali pra frente. Sofreram demais no passado e quiseram poupá-la. Talvez esse tenha sido o maior erro.

Irene tratou de marcar, logo cedo, as consultas que seriam necessárias e ligou para a psicanalista que a acompanhara, durante os longos anos. Ela se prontificou a atender Cecília, assim que ela acordasse.

Acordar hoje, pra Cecília, não seria nada fácil. Um gosto amargo na boca, as marcas dos arranhões pelo corpo, uma sensação de cansaço enorme e a obrigação de lidar com a nova realidade que ela bloqueara durante tantos anos. Surpreendentemente, ela estava bem calma. Depois de levantar, tomar um banho e arrumar-se minimamente, procurou Irene e depois de um longo abraço, disse que conversaria com ela sobre tudo, mas só depois da conversa com a psicanalista. Foi um alívio para o coração da tia e também do tio, constatar que ela amanheceu bem, reconhecer que o surto da noite anterior havia passado. Levaram-na de carro até a clínica e foram juntos ao trabalho, deixando-a com a recomendação de que a qualquer eventualidade ligasse para o celular deles.

Tudo transcorreu tranquilamente. Irene, que voltou mais cedo do trabalho, passou para pegar Cecília na clínica e percebeu que o semblante da sobrinha permanecia tranquilo, mas Cecília permaneceu calada, durante todo o trajeto de volta pra casa. Ao chegarem, avisou à tia que iria para o quarto descansar e à noite, teria uma conversa com ela e o tio João.

Irene já imaginava que Cecília cobraria deles algumas coisas que foram escondidas durante esses anos todos. Tinha consciência do que fizeram, achando que isso tudo seria pro bem dela, mas agora, não tem certeza se fizeram a coisa certa. Diante da aparente calma que Cecília apresenta, ela se pergunta: será que fizemos a melhor escolha? A noite seria dura para todos, tinha certeza de que a conversa não seria fácil, mas teriam que encarar o passado que doía quase tanto nela, quanto em Cecília. Mantivera-se aparentemente bem e de pé, porque era a única coisa possível a fazer. Cecília precisava de quem a amparasse, de quem cuidasse dela com todo amor que, mais do que nunca, merecia. Sua mãe, Risoleta, fora talvez a mais atingida nessa história. Quase surtou completamente. Apegou-se à Irene como uma tábua de salvação; como maior referencial de afeto, diante de uma perda tão monstruosa. Logo Irene, a quem ela faltara tanto com o carinho e amparo de mãe. Praticamente expulsou-a de casa e ameaçara deserdá-la. Irene que, apesar de afastada da crença que ela tanto valorizava, mostrara ser uma mulher maravilhosa. Casou-se com João, trabalhou com afinco, embora tivesse nascido rica, construiu sua independência junto com o marido e tornou-se excelente mãe de Júlia, apesar do referencial tão negativo que Risoleta lhe passara. Até mesmo, mostrara-se boa filha o tempo todo, embora a mãe a renegasse.

Depois de tudo, Risoleta, apesar de muito doente, procurara remediar algumas coisas. Pediu perdão à filha Irene e voltou a ter um vínculo de afeto como nunca tivera antes com ela. O que mais surpreendeu a todos, é que Risoleta passou a demonstrar verdadeiro ódio e desprezo pela religião que tanto reverenciava. Seu Antônio, sempre menos fanático que ela, mostrara-se mais comedido e não revoltara-se contra a sua crença, mas Risoleta não queria nem que ele tocasse no assunto com ela.

A neta, Cecília era uma espécie de anjo para os avós; emocionavam-se demais com ela, mas Cecília ficava um pouco incomodada quando ia à casa deles, pois a avó sempre chorava muito quando estava com ela e isso não era fácil para uma criança tão pequena.

Seu avô não resistira por muito tempo; faleceu de infarto fulminante, logo após Cecília completar cinco anos e a avó, Risoleta, ficou mais debilitada ainda com a perda. Vivia cercada de cuidados e de pessoas amigas que trabalhavam com ela há anos, mas não admitiu ir morar com a filha Irene. Concordou em mudar e compraram uma casa no mesmo quarteirão em que Irene morava, assim ficavam bem próximas e a filha não teria tantas preocupações, mas não concordou em vender ou alugar a antiga casa. Manteve por lá a maioria dos móveis e pertences e, de vez em quando, a filha a levava até lá, para matar a saudade. Risoleta não lembrava em nada aquela mulher enérgica e tão rígida do passado. Tornara-se frágil, triste e chorava diversas vezes por dia.

- Mamãe, vamos ver aqueles filmes antigos que a senhora tanto gosta? Tirei o dia de folga hoje pra ficar aqui e Cecília e Júlia, foram ao parque com o João.

- Não filha, estou com a cabeça doendo hoje; amanheci assim. Quero um chazinho de erva doce, já pedi a Julieta pra fazer.

- Mamãe, por que não me ligou avisando mais cedo? Vamos medir sua pressão.

Irene ficou muito assustada quando viu que a pressão arterial da mãe, estava muito acima do que costumava ter. Compraram o aparelhinho, pois mesmo tomando o medicamento, não raro, Risoleta apresentava uns picos de pressão.

Colocou a mãe no carro e dirigiu-se à emergência do hospital. O diagnóstico foi um AVC que não apresentava quase nenhuma aparente sequela, a não ser uma pequena desorientação, mas os médicos a encaminharam imediatamente para uma tomografia, pra descartar a hipótese de um AVC hemorrágico, o que faria necessário, levá-la imediatamente à UTI. Felizmente o resultado confirmou que o tipo de AVC não foi hemorrágico, mas os médicos acharam por bem, deixá-la internada por alguns dias, pois há sempre perigo de reincidência, até o quinto dia e isso pode tornar o quadro do paciente mais grave.

Risoleta teve alta após uma semana. Felizmente não houve reincidência e não restaram sequelas do acidente vascular cerebral sofrido, exceto uma ligeira mudança na voz que perdeu um pouco da nitidez de antes.

Passara então a receber mais atenção e cuidados da filha Irene, que muitas vezes revezava-se com o marido no trabalho de administração dos mercados. Ela trabalhava apenas em um turno e assim tinha mais tempo para a mãe e a filha.

Surpreendentemente, suas crises de choro diminuíram muito, após o AVC. Ficara mais frágil ainda, mas quase não chorava e Cecília passou a ir muito mais à sua casa em companhia da tia, quando a visita se dava num turno oposto ao de sua escola.

Cecília que crescera reservada e só tinha algumas amigas da Escola de dança, gostava da companhia da avó, das histórias que ela lhe contava e das brincadeiras com bloquinhos de montar, bonequinhas que trocavam de roupas e adereços, quebra-cabeças e joguinhos de cartas, próprios pra sua idade. Risoleta a acompanhava com alegria em todas as brincadeiras, parecia outra pessoa quando estava com a neta e, por vezes, Irene as contemplava emocionada e lágrimas lhe vinham aos olhos.

A mãe evitava falar do passado e sequer citava a antiga fé. Mas gostava de assistir novelas e filmes e comentar com a filha. Falava das personagens das novelas como se fossem reais; sofria e alegrava-se com as tramas das novelas e, no fundo, Irene sentia um alívio, por vê-la enredada naquelas tramas, no mundo de fantasias que por algum tempo, deixavam-na livre das lembranças terríveis.

Capítulo XV



Após o jantar em que apenas beliscara algumas coisas, Cecília falou com o tio que gostaria que ele permanecesse na sala pra que conversassem. Irene fora até a cozinha, pegar um chá que havia feito. O tio, gentilmente, sentou-se ao seu lado e conversou sobre coisas banais do trabalho, pra que o clima que antecedia a conversa, não ficasse mais tenso. Logo Irene estava de volta à sala e parecia ansiosa, coisa que habitualmente não era. Esfregava as mãos e ajeitava os cabelos, retirando uns cachos que lhe caíam sobre o rosto, mas sabiam que era puro nervosismo e Cecília resolveu iniciar a conversa sem mais rodeios.

- Sei que vocês devem estar imaginando como estou tão calma, depois de tudo que aconteceu ontem. Essa calma não é aparente. Eu estou sim, muito calma, mas a dor que sinto, não dá nem pra descrever. Há um alívio. É como se um grande monstro que eu mantinha preso, lá pelas entranhas e me corroía silenciosamente, tivesse, abruptamente, pulado pra fora e o alívio de não carregar mais lá dentro aquele enorme corpo estranho, é fato. É como se eu estivesse cem quilos mais leve, mas as marcas, as feridas, os arranhões que essa coisa monstruosa, me deixou, sangram, latejam, doem mais do que nunca. Mas sei que vão sarar, as feridas vão sarar, esse sangue que agora sinto jorrando nas minhas entranhas, vai ser estancado; os arranhões, os machucados, os ferimentos, vão cicatrizar e vão parar de doer, porque vou atrás da cura e o que antes, incessantemente reavivava essas feridas, não mais está, não pode mais em mim, porque o descobri e expulsei; esperneia lá fora e vai morrer em breve.

Sei que estou sendo muito prolixa; estou falando demais, mas passei praticamente a vida inteira calada, porque havia o monstro, que me sufocava, que me coagia e eu não tinha a chave, o segredo, pra libertação.

- Imagina querida, você não precisa se desculpar. Mesmo que precise falar por dias e noites, estaremos aqui para escutá-la, sempre! A vida te roubou tanta coisa, minha pobre menina, isso é o mínimo que podemos fazer agora por você.

Cecília já estava falando entre lágrimas, mas se mantinha firme e no propósito de falar. Expulsar aquela placenta simbólica, aqueles vestígios, os resíduos que ficaram com a saída do que a feria e sufocava.

- Eu era muito pequena eu não posso dizer que lembro nitidamente de tudo; não posso dizer que entendo tudo que aconteceu. Apenas intuo, na maior parte do que lembro, porque todas as imagens que abruptamente vieram à minha cabeça, trouxeram de volta, o roteiro de uma história que fiz questão de apagar, simplesmente deletei da memória, durante todos esses anos e vocês fizeram de tudo, hoje eu sei, pra que essas imagens não voltassem nunca. Era muito mais fácil, muito mais tranquilo lidar com a menina que parecera anular uma tragédia da memória. Mas foi sempre um arremedo de vida; sempre uma tentativa e mesmo quando conheci Mauro, me apaixonei e achei que poderia viver uma história de amor, como qualquer garota normal, a vida se encarregou de me dar um toque. Um pequeno vislumbre; um flash. Porque o monstro estava lá; fingia dormir enquanto eu namorava o Mauro ou quando eu dançava ou quando conversava e ria com colegas da faculdade, mas estava lá e não me permitia ser. Não se mostrava, não saía, mas me corroía lentamente, feria minhas carnes, sugava o meu sangue e de vez em quando, se exibia sorrateiramente; só um pouco, como foi no banheiro do Mauro. Enfim, agora lembro uma cena que nenhuma criança da face da terra, gostaria de ter vivido. Mas agora tenho o alívio de saber, de lembrar e sei que o caminho da cura, será longo, difícil. Sei que ainda vou precisar muito do colo de vocês, desse amparo incondicional que sempre me deram, mas agora, terão que me ajudar nesse percurso. Terão que lidar, talvez, com pequenos monstros que ainda lhes habitem. Sei que vou contar com toda ajuda profissional possível, mas preciso muito de vocês também. Há muitas peças que ainda não se encaixam nesse quebra cabeças e sei que todas as pistas estão com vocês. Preciso recompor a cena pra me exorcizar de vez e saber por que tanta coisa ficou oculta.

Primeira pergunta, hoje eu sei que uma jovem mulher me salvou. Eu apaguei isso da minha mente. Apenas me confirmem, É a Dadá?

Irene estava aos prantos e João respondeu à sobrinha.

- Foi a Dadá, Ceci. Foi essa moça que você, intuitivamente amou tanto, durante todo o tempo em que teve a chance de estar perto, mas pra nosso alívio, não lembrava.

- Meu Deus, agora eu entendo tanta coisa! Aquele carinho todo que eu tinha por essa moça que virou uma mulher e eu continuei a conviver com ela, sentindo todo esse carinho. Lembro de como eu gostava do colo dela; de como me sentia amparada e de vocês, apesar de sempre tão bem educados, não permitirem que eu passasse muito tempo com ela. Engraçado, agora lembro até que vocês não me deixavam sozinha com ela, tia Irene ou a vovó, estavam sempre por perto. Às vezes eu pedia até pra dormir na casa dela, mas vocês nunca deixaram e ao passo que fui crescendo, muitas vezes me perguntei porque gostava tanto daquela pessoa com quem tinha uma convivência mínima? Enfim, hoje eu entendo tudo, eu tenho as primeiras respostas. Lembro que dei esse nome pra ela, quando tinha menos de cinco anos e até hoje, não consigo chamá-la por outro nome. Dadá, Dalva pra mim, sempre será a Dadá.

- Meu amor, tínhamos muito medo de que, passando muito tempo com ela, as imagens acabassem voltando. Você era ainda muito pequena, quando tudo aconteceu. Ficamos muito aliviados, quando você demonstrou não lembrar do que tinha passado. Acreditamos o tempo todo que isso seria o melhor pra você. A ideia de ver uma criança de sua idade revivendo diariamente um pesadelo terrível, nos deixava desesperados. Você tinha problemas, claro. Cresceu com esse jeito meio recluso, sem fazer amizades, sem demonstrar interesse em namoros, mas parecia tranquila, confortável no seu esquecimento. O que não fazíamos ideia é que havia algo monstruoso, te ferindo por dentro. Quando passou da adolescência, deveríamos ter conversado com você, deveríamos ter procurado saber como se sentia de fato, mas a acomodação e covardia, prevaleceram e adiamos novamente o assunto.

A notícia de que era super acolhedora com o namoro de Júlia e posteriormente, a notícia de que estava namorando e parecia bem feliz, nos fez recuar mais ainda e viver essa espécie de farsa esperançosa, na qual as feridas, nunca precisam ser expostas.

Capítulo XVI



Já se passara um ano sem que Mauro retornasse à faculdade. Fazia umas filmagens e fotos de eventos, pra não se sentir afastado de vez do que gostava de estudar e fazer, mas o seu foco era apenas descobrir o que causara o acontecimento com Cecília, quando ela o visitara pela primeira vez. Não conseguia intuir, de forma alguma, o que havia em seu banheiro que a deixasse naquele estado. Consumia-se com um emaranhado de perguntas em sua cabeça, tentando entender. Além do mais, amava Cecília; não conseguira esquecê-la e a dor era lancinante e o desorientava. Tentou ficar com algumas garotas nesse período, mas o resultado era sempre desastroso, pois não estava disponível emocionalmente pra ninguém e em sua cabeça, a ideia fixa de buscar uma explicação, só crescia. Os breves relacionamentos, transformavam-se em amizade, rapidamente. Manteve a amizade com Júlia; conversavam e se viam sempre, depois que ela retornou ao Rio de Janeiro. Era seu único elo com Cecília e isso, de certa forma o alentava. Tinha notícias dela, mas sabia que não poderia tentar nenhum contato. A família temia que algo pior acontecesse a ela. Conformara-se com o fato de não poder vê-la, mas não desistira dela. O que alimentava os seus dias, era aquela busca incessante, de algo que lhe trouxesse alguma resposta. Passou a investigar discretamente a família. Pesquisou notícias da época em que Cecília nascera. Foi secretamente até a cidade onde ela vivera a maior parte de sua vida e onde residia atualmente, mas nem Júlia ficou sabendo. Conheceu pessoas que lhe contaram algumas coisas sobre a família, mas ele percebia que algo mais grave acontecera e ninguém tinha coragem de falar sobre o assunto. Um dia descobriu uma parente distante da mãe de Cecília. Uma tia avó que morava num distrito próximo à cidade, na zona rural. Dona Arminda o recebeu com certo receio. Apresentou-se como fotógrafo; trazia uma câmera fotográfica nas mãos e uma mochila com equipamentos. Era um rapaz muito bonito e vestido com boas roupas, embora descontraídas, mas o cabelo crespo e grande em dreads e algumas tatuagens nos braços, deixavam aquela senhora um tanto receosa. Não costumava ver nenhum jovem assim, pelas

redondezas. Mas sua resistência cedeu, quando o rapaz disse que estava fotografando a região e moradores antigos, para um trabalho da faculdade. Perguntou se ela permitiria que a fotografasse. A senhora abriu um sorrisinho maroto, emoldurado por sulcos fundos que cobriam sua face. Na pele gasta de quem já enfrentara grandes dores, havia ainda, os vestígios de quem fora uma bela moça. Aqueles olhos suaves e os cabelos grisalhos, denunciando a beleza quase oculta.

- Ô meu filho, eu deixo você fazer umas fotos minhas, mas deixa eu me arrumar um pouquinho. A roupa até que tá boa, mas vou pentear esse cabelo e botar uns brincos.

- Com certeza, minha tia, espero com todo prazer. A senhora vai ficar linda nas fotos e vou dar um jeito de lhe mostrar depois.

Entrou no quarto apressada e diante do espelho antigo, parecia arrumar-se para um evento. Estava entusiasmada com a novidade; há quanto tempo não se arrumava pra nada, não ia a lugar nenhum? Quando o esposo era vivo, ainda tinha gosto de se arrumar. O povo dizia que pareciam um casal de namorados. Andavam de mãos dadas. De vez em quando iam à cidade assistir a algum filme, iam à missa. A morte de Deolindo a ressecara por dentro; perdera a alegria de viver, mas se mantinha de pé, porque tinha um filho que amava e morava distante. De vez em quando vinha vê-la, mas as visitas rarearam bastante e ela não queria mudar pra São Paulo, onde o filho vivia e trabalhava. Enfim, contentava-se com as visitas de natal, quando ele vinha cheio de presentes e os telefonemas que ele nunca esquecia. Falava com a mãe, quase diariamente e isso a mantinha viva, mas não tinha entusiasmo nem pra ir à missa, sem o marido. Contentava-lhe o papo com as vizinhas e as raras visitas de comadres e parentes.

- Pronto moço, agora podemos começar.

- Ah, está muito bonita! Suas fotos ficarão ótimas.

Ajeitava-se em todas as poses que o rapaz pedia e, em meio à sessão de fotos, engataram um animado papo. Com muito tato, ele fazia perguntas aleatórias sobre o lugar, sobre as pessoas e sobre os

familiares dela. Ouviu com delicadeza a história da morte do marido, da ausência do filho querido que mesmo distante, era muito amoroso com ela e, aos poucos, fez perguntas sobre uma sobrinha dela da qual lhe falaram nas redondezas, uma que se chamava Fabíola e tinha uma irmã chamada Irene. Perguntou se elas moravam por perto e se poderia também fotografá-las. O rosto imediatamente crispado de Dona Arminda o assustou um pouco. Estivera animada o tempo todo, conversando com ele e posando feliz para as fotografias e a mudança de semblante foi assustadora.

Sentou-se no sofá e respirou fundo, como se algo lhe sufocasse. Mauro perguntou se ela queria que ele pegasse um copo de água e ela aceitou. Seus olhinhos doces e vivos, encheram-se de sombra. Mas ela falou firmemente com ele.

- Meu filho, não sei quem lhe falou das meninas, mas agora sei que não veio aqui por causa das fotografias. Sei que está me escondendo alguma coisa e é melhor me falar ou então sumir da minha casa, imediatamente.

Mauro sentou no sofá, próximo àquela mulher solitária, sofrida, mas visivelmente amorosa. Parecia lhe oferecer um colo que ele tanto esperara. Mantivera-se forte, há mais de um ano, não se abria com quase ninguém, exceto Júlia, com quem podia expor razoavelmente seus sentimentos, mas não queria sufocá-la com sua tristeza e continha-se. De repente, Dona Arminda parecia um forte elo com a garota que ele amava. Certamente conhecia a história daquela menina e lhe ouviria com afeto. Colocou as mãos no rosto e soluçou por algum tempo, chorou como um menino e aquela senhora que ele mal conhecia, segurou sua mão e lhe fez um carinho nos cabelos.

- Conte meu filho; fale o que lhe atormenta e no que posso ajudar.

Mauro, em questão de minutos, viu-se fazendo um relato da sua vida durante o último ano, mais ou menos, para aquela senhora que o ouvia atentamente e o rosto crispado de antes, apresentava agora um misto de comoção e tristeza, ao ouvir o desabafo do rapaz.

- Eu lhe juro, Dona Arminda, minha vida tem sido buscar uma explicação pra essa história. Só posso voltar à minha rotina normal

de estudo e trabalho, quando tiver a mínima ideia do que aconteceu com essa família. O que faz de Cecília, essa moça instável, sujeita a crises e o que nos separa.

- Olha moço, gostei muito de você, da sua sinceridade, imagino o que está sofrendo. Pra lhe aliviar um pouco, eu vou lhe dizer que está no caminho certo. Chegou em mim e eu vou lhe dar uma pista muito importante que pode desvendar o seu mistério. Em troca, eu quero que cumpra sua palavra e traga as minhas fotografias. Disse isso com um risinho forçado que ele sabia, a intenção era aliviar um pouco o momento tenso, pelo qual estavam passando. Aquela mulher, travestida de pessoa simples, era muito sábia, além de amorosa.

- Eu podia até te contar essa história. Ia me machucar um bocado, porque não é fácil, nem pra mim, nem pra ninguém da família, mas não ia adiantar muito, porque o que você precisa saber, tá nos detalhes que eu não sei, que eu nunca quis me aprofundar em saber. Será que está preparado pra isso tudo? Pra ir até o final dessa história?

- Sim, estou preparado, Dona Arminda. A senhora é uma pessoa maravilhosa e nunca irei esquecê-la. Peço perdão por lhe causar esse sofrimento, por lhe trazer essas lembranças, mas preciso saber, preciso de ajuda pra não cair em depressão.

- Pois vou lhe dizer uma coisa, vá até a cidade onde estão Irene e a sua amada Cecília. Volte pra lá e procure uma pessoa que se chama Dalva. Não procure no trabalho. Vá à noitinha; ela sai do trabalho às cinco da tarde. Fale com ela e o marido; diga meu nome, fale que fui eu que mandei você procurar por ela. Converse como conversou aqui comigo. Ela vai lhe ouvir. Ela tem muito mais do que eu pra te contar. Um longo abraço na despedida de Mauro e Arminda, parecia selar uma amizade que seria pra sempre. Jamais esqueceria aquela senhora baixinha, de olhos doces e sorriso tímido, mas que lhe transmitira uma imensa força. Voltaria com as fotos e, quem sabe, com melhores notícias.

A estradinha de terra que enfrentaria ainda até a cidade, era desanimadora, mas o desejo de descobrir a verdade era muito maior. Entrou no carro coberto de barro vermelho e acenou pra Dona Arminda, que com olhos compridos, o acompanhava com um semblante triste. Sentiu até um pouquinho de pena por deixar ali aquela senhora, mas sabia que estaria de volta, um dia, quem sabe muito mais feliz.

Capítulo XVII



Cecília dedicava-se ao tratamento com muito afinco. Estava animada e pretendia retornar à faculdade de dança no Rio de Janeiro, no próximo semestre. Além da terapia, as aulas de dança ajudavam muito; a descarga de endorfina é muito grande, quando a pessoa dança qualquer ritmo. Cecília voltava feliz e cheia de ideias de recomeço. Fazia ainda, caminhadas pela manhã, bem cedo e o percurso margeado por um rio, pássaros e garças, enchiam-na de contentamento e vontade de viver. Prometera a si mesma que não desistiria de sua vida por nada. Viveria por sua mãe. Honraria a lembrança dessa mulher que foi roubada de tudo, inclusive da vida. Algumas vezes chorava, mas era um choro brando, comovido, feito de saudade e lembranças. Corria pro colo da tia, pro ombro do tio e encontrava a paz esperada.

Júlia estava animadíssima com a perspectiva da volta de Cecília para o Rio. Mesmo tendo a companhia de Suzy, sentia muita falta da prima/irmã que tanto amava. Eram muito cúmplices, companheiras e davam força uma pra outra. Sofreu demais com as crises e o afastamento de Ceci, mas nos fins de semana em que ia para casa, vira uma pessoa totalmente renovada, olhar seguro e uma determinação que ela nunca tinha visto antes. A prima ficaria bem e pra sempre.

Tiveram uma conversa muito difícil, logo após a crise em que Cecília recordara os fatos. Júlia era ainda um bebê, na época. Também não fazia ideia de quase nada do acontecimento macabro e a família, fizera de tudo para poupá-la. Agora eram duas mulheres conversando. Jovens, mas mulheres que agora tinham capacidade pra digerir melhor os fatos e conviver com a tragédia. A prima lhe colocou a par do mínimo necessário para que ela percebesse o porquê do seu comportamento, durante os anos em que conviveram. Júlia, extremamente amorosa e compreensiva, fez de tudo para ajudar nesse recomeço de Cecília.

Tia Irene estranhava o fato de Cecília, durante esse tempo todo, após a lembrança do ocorrido, negar-se a ver a sua querida Dadá. Nunca

mais se encontraram e isso trazia sofrimento às duas. Resolveu conversar com a sobrinha.

- Ceci, faz tempo que quero conversar com você sobre um assunto, mas respeitei o seu tempo e esperei que melhorasse. Estive ontem com Dalva e ela está muito triste por ter perdido todo o contato com você. Expliquei pra ela, por alto, que você estava cuidando muito de si mesma, numa espécie de isolamento pra se recuperar de vez e estar pronta para o reencontro com as pessoas que ama. Falei do tratamento e que você havia lembrado algumas coisas, mas não entrei em detalhes. Acho que há coisas que você mesma é que deseja e precisa falar com ela, só não entendo por que não a procurou, nem quis vê-la, durante esses meses todos.

- Tia, o meu encontro com Dadá, talvez seja a parte mais complexa pra esse meu recomeço. Eu não tenho condições de vê-la, sem estar preparada pra ficar diante do momento mais trágico da minha vida. Com relação a mim, ela foi protagonista. Ela fez toda a diferença. Eu preciso estar muito forte pra encontrá-la e dizer que sei quem ela é; dizer o quanto sinto não ter convivido mais com ela, durante a minha vida toda; dizer o quanto sou grata, mas também estar preparada para o que ela irá me dizer. Para os detalhes que faltam. Estou quase lá. Estou me sentindo cada vez mais forte e decidida. Morro de saudades da Dadá. Vou procurá-la, falta pouco.

Quero te dizer também que morro de saudades do Mauro. Quero muito encontrá-lo e viver tudo que nos foi roubado. Pode ser que não dure nada; pode ser que dure a vida inteira, mas hoje sei que o que mais quero é voltar a vê-lo, ficar perto e remediar minimamente, todo sofrimento que passamos. Sei que ele não ficou bem, esse tempo todo; sei que ele não está bem; sei que a vida desse rapaz que tanto amo foi muito prejudicada. Quero muito acabar com esse pesadelo, mas tem que ser no meu tempo e de um jeito que valha a pena.

- Eu te entendo perfeitamente, minha flor. Tudo deve ser assim mesmo, no seu tempo e quero que tenha tempo de ser muito, muito feliz.

- Serei sim, tia. Por minha mãe, por minha avó e meu avô, por você, pelo tio João, por Júlia, pelo Mauro e especialmente, por mim. Sei que tudo que minha mãe queria, era que eu fosse feliz. Eu era muito pequena, mas lembro de algumas conversas com ela, quando eu ia dormir. Ela sempre terminava as estórias, as canções de ninar, as brincadeiras, me abraçando e dizendo, - você vai ser muito feliz, minha filha! Não vou decepcionar minha mãe, continuando no arremedo de vida que tive até hoje. Tenho muitos planos, tia e vou te contar.

Estive conversando com Júlia que retorno pra faculdade no próximo semestre, daqui a dois meses, mas não é só isso. Tive uma ideia e vou colocar em prática. Sei que dinheiro não é problema pra nós, mas nunca fomos de viver no luxo, esbanjando desnecessariamente. Sei dos projetos sociais que tem colocado em prática e acho maravilhoso. Não é justo que a gente tenha tanto e não faça nada em prol de outras pessoas. Quero, inclusive, bolar junto com você, algo que tenha mais abrangência, dentro da minha área. Uma escola de dança gratuita, em bairros periféricos, onde as crianças recebam além de aulas de dança, refeições, lanches e a vestimenta necessária para as aulas. Mas falaremos sobre isso, calmamente em outro momento. Agora quero te falar de algo que estou planejando e que me deixará muito feliz. Um grande espetáculo de dança, no Rio de Janeiro e não medirei recursos ou esforços para colocá-lo em prática.

- Nossa, Ceci, que máximo! Pode contar com todo dinheiro necessário pra investir no seu projeto. Cuidamos muito bem dos seus negócios durante esses anos todos e você, na verdade, nunca usufruiu muito desse dinheiro. Essa é a hora. Pode contar comigo.

Obrigada tia, vou precisar muito de você e da Júlia. Quero, inclusive, montar uma coreografia com o pessoal da minha escola daqui e todos irão para o Rio, para participar do espetáculo.

- Isso, muito bem! Estou ficando muito animada.

Pela primeira vez, Irene sentia um alívio imenso por ver que a sobrinha estava realmente curada. Afastava-se cada vez mais do pesadelo e construía um novo rumo cheio de perspectiva e realização

de sonhos. Até sua mãe, Risoleta, apesar de fragilizada pela saúde instável, adquirira um ar mais saudável nos últimos dias. A neta não guardara nenhum rancor dela; não citava os seus erros do passado, a sua intransigência com Irene e com a sua mãe, Fabíola. Apegara-se à avó, como nunca antes e lhe cercava de mimos, enchendo de luz os anos que lhe restavam.

- Vovó, vou lhe levar pro Rio de Janeiro. Vou fazer um lindo espetáculo e a senhora vai assistir. Sei que gosta de dança, muitas vezes foi me assistir quando eu era criança, mas esse espetáculo será diferente de tudo que já viu.

- Ah Ceci, você perdeu o juízo? Como vai levar essa velha doente pro Rio de Janeiro? Aqui em Vista Alegre eu nem saio mais!

- Claro que vai; nada de velha doente, a senhora ainda é uma gatona que eu adoro.

Dona Risoleta ria muito com as brincadeiras de Cecília e pensava em como Deus foi misericordioso com ela, dando-lhe na velhice, esse presente caro que é a presença da neta, agora saudável e totalmente livre de mágoas.

Emociona-se e os olhos marejados chamam a atenção da neta.

- Nada de choro vovó, agora é só alegria.

Emocionadas, abraçam-se e vislumbram o futuro de forma mais suave e feliz.

Capítulo XVIII



Cecília teve alta da terapia e o psiquiatra suspendeu toda a medicação. Há um mês ela está bem e não teve nenhuma crise ou qualquer problema.

Animada e feliz, começou a tomar as providências necessárias para a realização do espetáculo tão sonhado.

Pedi à tia Irene que a acompanhasse ao Rio de Janeiro, onde passariam um dia ou dois, resolvendo questões burocráticas sobre o retorno à universidade e especialmente, cuidando dos detalhes para a execução do plano de montar e apresentar um espetáculo maravilhoso.

Júlia não cabia em si de felicidade. A mãe e a irmã de coração, juntas no Rio de Janeiro com ela, era muita felicidade. Suzy até brincou quando as duas chegaram.

- Já sei que esses dias não terei vez, as atenções serão todas para mamãe e priminha.

Estavam muito felizes, todas elas. A melhora de Cecília, a perspectiva da realização do espetáculo, a ida de Irene ao Rio, tudo era muito bom.

- Tia, quis vir logo ao Rio, por causa da matrícula da universidade, mas assim que a gente voltar a Vista Alegre, tenho algo inadiável a fazer. Vou procurar Dadá pra conversarmos. Já passou da hora.

- É verdade, Ceci. Ela anda muito triste com a sua ausência. Não se conforma porque você parou de procurá-la nos últimos meses. Ligou pra mim outro dia pra falar sobre isso, mas expliquei que você precisava se sentir pronta pra isso e que logo a procuraria.

Vou procurá-la e depois disso, quero ficar o mais perto possível. Nunca mais quero me afastar dessa pessoa a quem devo tanto e amo muito também.

Pois é, mas agora vamos fazer a listinha de providências. Tá pensando que veio pro Rio a passeio, “Dona Irene”; a senhora vai fazer todas as correrias comigo amanhã.

Dizia isso, com um riso largo no rosto. A tia Irene não cabia em si de contentamento, vendo-a tão leve e brincalhona. Estava muito animada pra ajudar a sobrinha.

- Vamos lá, senhora empresária, tomemos as providências. A “senhora” está pensando que produzir um espetáculo é fácil? Vamos ter que contratar muita gente pra nos assessorar.
- Já pesquisei todos os nomes, tia. Vim com a listinha pronta. Produção, cenografia, figurinos, iluminação, coreografias, vamos contratar as melhores pessoas.
- Muito bem, isso facilita bastante o nosso trabalho. É só entrar em contato com essas pessoas todas amanhã.

Capítulo XIX



Dalva vai até a varanda e tranquiliza o marido que a observa, enquanto conversa com aquele rapaz que veio em busca de uma história que ela guarda há tantos anos. Quis deixá-la à vontade pra falar com o rapaz, mas está ali a postos caso ela precise dele.

- Não se preocupe querido; vai ficar tudo bem!

O marido beija suas mãos e ela retorna à sala.

- Entendo, moço, vamos em frente.

- Eu agradeço muito mas se não estiver bem, podemos marcar outra hora. – Não, eu estou bem. Eu preciso falar.

Eu trabalhava como diarista na casa do casal. Chegava muito cedo, porque gostava de adiantar o trabalho, pra ter tempo de brincar com a menina. Passávamos a tarde toda juntas. Eu lia os livrinhos infantis pra ela, víamos filmes. Ela adorava minha companhia e eu te digo até que só continuava com aquele trabalho de diarista, porque não conseguia me afastar dela e da mãe que era uma pessoa maravilhosa. Éramos amigas. Quando eu falava com ela que iria a uma festinha no final de semana, ela me presenteava sempre com roupa, sapato e tudo mais. Íamos juntas às lojas e eu escolhia. Eu ficava um pouco encabulada, dizia que não queria dar despesa, mas ela sempre me dizia que o amor que eu tinha pela filha dela, não tinha preço e que adorava sair comigo e me comprar presentes.

Como te falei, chegava muito cedo, por volta das seis da manhã, enquanto o casal e a menina ainda dormiam. Tinha uma cópia da chave para não incomodá-los ao chegar. Ela confiava muito em mim e providenciou a cópia. Havia outras funcionárias na casa, mas elas chegavam às oito da manhã. Uma cozinheira e uma pessoa que cuidava das roupas e da limpeza diária da casa, pois o apartamento era muito grande, tinha muita coisa pra limpar. Eu cuidava da roupa da menina, arrumava o quartinho dela, organizava os brinquedos e preparava um belo café da manhã para eles tomarem ao acordar. Depois as outras chegavam e o meu tempo era todo dedicado à criança. Normalmente a mãe e o pai iam trabalhar, por volta das nove da manhã. A essa altura, a filha já estava na escolinha. O transporte escolar levava e trazia de volta a menina. A mãe retornava por volta

das 13 h. Tomava banho, almoçava e se juntava a nós nas brincadeiras, jogos e sessões de filme. Eu ia embora depois das 17 h, pois estava fazendo cursinho à noite. Iria prestar vestibular numa universidade pública e tinha que estudar muito. A princípio eu ia três vezes por semana, mas como a menina se apegou muito a mim e eu a ela, costumava ir quase todos os dias. Além disso, a mãe dela me ajudava muito com os estudos e conversava comigo sobre tudo. Minha família era pobre, mas não miserável. Nunca passei necessidades, mas gostava de ter meu dinheirinho, poder ajudar em casa e me manter sozinha. Minha família permitiu que eu trabalhasse na casa deles, porque eram da mesma religião. Ele era o pastor da igreja, a quem minha família respeitava e confiava muito. A esposa era uma pessoa tão amável que a minha família amava e ficavam muito felizes com a oportunidade de trabalho que me deram e com a amizade que me dedicavam, a menina e a mãe. Ele era educado, mas sempre mais fechado. Não me dava muita conversa, nem atenção, mas a família era admirada por todos. Eram considerados um amor de casal. A família perfeita, ainda mais com aquela filha linda. Eu que frequentava a casa e convivia de perto com eles, duvidava um pouco dessa perfeição. Havia, de vez em quando, uma tristeza nos olhos dela. Ele parecia sempre ocupado e, algumas vezes, chegava a ser muito seco, com a mulher e a filha. Eu imaginava que as responsabilidades com a igreja e outros trabalhos, eram responsáveis pela quase rispidez momentânea daquele homem que tinha mulher e filha, tão lindas e amáveis. Mas, de resto, eu os admirava e agradecia a Deus por estar nesse trabalho.

Cheguei nesse dia, pouco antes das seis. Agora eu tinha uma pequena moto, fruto das minhas economias e do dinheiro a mais que sempre recebia daquela patroa amiga que valorizava qualquer coisinha que eu fazia. Com a moto, meu deslocamento ficou mais fácil e assim, cheguei bem cedo naquele dia.

Rodei a chave na fechadura e ao abrir a porta, tive a visão da sala de estar. A visão mais terrível que eu poderia ter em minha vida. Estarrecedora. Essa que nunca saiu definitivamente de dentro de

mim. A menina pisava em poças de sangue. Havia chorado tanto que estava pálida e sem voz. Ao me ver na porta, paralisada, estendeu os bracinhos, mas não conseguia gritar. Implorava com os olhos e todo o corpo, que eu a carregasse dali.

Por alguns segundos, eu não conseguia me mover. O homem estava sentado numa poltrona com um olhar perdido e demoníaco. Falava coisas desconstruídas e quase inaudíveis e não dava a mínima para a criança à sua frente.

A mulher estendida no chão estava ferida em várias partes do corpo. Picotada. Um corpo inerte e ainda sangrando, pelas mais diversas perfurações. Ele sentado com uma tesoura ensanguentada na mão, delirando.

Entendi que tudo deve ter começado no quarto. Ninguém ouviria nada, a menina não acordaria. Ele tinha certeza disso porque providenciara o isolamento acústico. O vizinho de cima era médico e estava de plantão. Ele sabia também. Imaginei que em algum momento ela conseguiu se desvencilhar dele e correu até a sala (a polícia confirmou depois), Havia algumas marcas, arranhões, mordidas no corpo dele. Sinais de luta, da tentativa dela de escapar, mas ele a alcançou e continuou a feri-la até a morte. A menina deve ter acordado com os gritos da mãe e se deparou com a cena bizarra. Ficou em meio àquele cenário terrível, até que eu chegasse. Ele possesso, não teve nenhuma compaixão da menina, mas também não a feriu. O alvo era mesmo a esposa, mas eu temi muito por ela, quando me deparei com a cena e por mim também. Queria arrancar a menina dali rapidamente e morria de medo que ele reagisse. Mas o meu instinto de proteção à criança e a mim, falou mais alto, quando aquele monstro, ainda com o objeto do crime nas mãos, começou a erguer-se da poltrona. Entrei abruptamente na sala, peguei a menina e saí correndo. Eu não via nem ouvia mais nada, só queria alcançar a porta do prédio e fugir daquela situação sinistra. Ainda com a menina no colo, agarrada ao meu pescoço, consegui retirar o celular da bolsa e ligar pra polícia. Ele não conseguiu sair de casa e a polícia o encontrou ainda no apartamento, de pé, ao lado do corpo da

esposa. Deixei a moto lá mesmo, na garagem do prédio. Tomei um táxi na porta e fui para a casa dos avós da menina. Eu era muito jovem, estava quase em choque e precisava de ajuda.

Capítulo XX



A polícia chegou rapidamente ao prédio onde residiam, Fabíola e Celso. O corpo já sem vida da mulher foi retirado e Celso, preso em flagrante, ainda na cena do crime. Não demonstrou nenhuma reação. Repetia insistentemente que tivera que fazer aquilo. - mandaram fazer, ele repetia. Os policiais, mesmo acostumados a crimes bárbaros, de vez em quando, sentiram uma repulsa enorme por aquele homem e por tudo que ele fizera. Comentavam entre si, revoltados. Mas conduziram o homem à delegacia, sem que fosse molestado por eles ou pelas pessoas que já se aglomeravam diante do prédio e ameaçavam linchar o assassino.

Dalva, a diarista que retirara a menina e levava até a casa dos avós, teria que comparecer à delegacia para prestar depoimento, mas tanto ela quanto a pequena Cecília, estavam praticamente em estado de choque. Foram internadas imediatamente. A notícia da tragédia alastrou-se rapidamente, como rastilho de pólvora. O estado de toda a família, era desesperador. Irene com a sua filha Júlia, ainda bebê, teve que buscar forças do íntimo, para tomar as providências junto com o marido João. Sua mãe, Risoleta, passou muito mal e teve que ser internada à noite, o pai, aos prantos, não sabia o que fazer.

Celso foi encaminhado para uma cela na delegacia, junto com outros presos que como ele, seriam conduzidos a um presídio, após os trâmites legais. O delegado tomava providências rápidas, pois era um preso que todos olhavam com repulsa e desejo de vingança. Apresentava algumas leves escoriações pelo corpo, certamente adquiridas na luta que travara com a esposa, enquanto a cortava e perfurava com a tesoura. O seu olhar enfurecido, irritava e enojava ainda mais os outros detentos.

O vizinho de Celso que morava no andar de cima, estava de plantão no hospital, realizando uma cirurgia e ainda não tivera acesso às notícias que, a essa altura, circulavam por toda parte, nas tevês, nos jornais, no rádio, na internet e nas conversas das pessoas. Assustou-se, quando saindo da sala de cirurgia, deu de cara com alguém sendo conduzido numa maca, escoltado por vários policiais. Ficou pasmo ao reconhecer o vizinho Celso.

- Meu Deus, é meu vizinho. O que houve com ele?

Ouviu a resposta bastante ríspida de um dos policiais.

- Você sabe o que esse monstro fez?

- Renato, o médico, não conseguia imaginar o que o seu vizinho sempre tão simpático e educado, fizera. Estava atônito, diante daquele homem, cujo semblante denotava ter sofrido muita dor e sendo chamado de monstro pela polícia.

Não havia nem uma hora que Celso fora conduzido à cela e logo os policiais ouviram os urros que vinham de lá. Quando chegaram, ele estava no chão. As calças um pouco arriadas e sujas de sangue. O homem se contorcia de dor, enquanto os outros presos, impassíveis, fingiam que não estavam vendo nada. Os policiais o retiraram às pressas e logo se deram conta do que havia acontecido. A ambulância chegou rapidamente e ele foi conduzido ao hospital, acompanhado dos policiais.

Conversando com enfermeiras e médicos da emergência, Doutor Renato ficara rapidamente, sabendo o que se passara com os vizinhos. O crime bizarro que Celso cometera, matando a esposa Fabíola de forma tão cruel e a retaliação dos presos, seus companheiros de cela. Ninguém sabia onde conseguiram, mas introduziram no ânus do assassino, um pedaço de aproximadamente cinquenta centímetros de barra de ferro. Alguns órgãos foram perfurados e ele não chegou nem a passar por cirurgia. Veio a óbito, assim que chegou ao hospital.

Aquela história parecia completamente absurda para Renato que era vizinho deles, adorava Cecília e sempre que necessário, a atendia em casa mesmo. Parecia uma família harmônica e feliz. Ele sempre tão religioso e sério. Ela tão amorosa com a filha. Não conseguia atinar o que acontecera. Não tinha condições de continuar no plantão, pois estava abaladíssimo emocionalmente. Foi substituído por um colega e a direção do hospital foi notificada. Renato foi atendido por outra colega médica que aferiu sua pressão e lhe recomendou um calmante leve, para enfrentar aquela situação. Não tinha condições de retornar ao prédio naquele estado. As notícias fervilhavam. O

apartamento de Fabíola e Celso estaria interditado pela polícia e ele não teria estômago para encarar aquilo tudo. Felizmente carregava sempre uma muda de roupa na mochila. Ligou para a namorada e decidiu que ficaria na casa dela, até que se sentisse melhor.

Preocupada com o estado emocional do namorado, Lígia cancelou as aulas que daria à tarde e correu pra casa, pra lhe fazer companhia. Convidou Renato pra almoçar, mas ele se sentia enjoado com as cenas que presenciara e sentia-se incapaz de comer qualquer coisa. Tomou o chazinho que a namorada preparou e acabou adormecendo ao seu lado, depois do cansaço do plantão e dos últimos acontecimentos.

Lígia também conhecera a família invadida pela tragédia. Frequentava a casa do namorado e algumas vezes o acompanhara nas visitas ao casal para um cafezinho ou mesmo para consultas , quando Cecília tinha qualquer probleminha de saúde. Achava linda aquela menina esperta e meiga, ao mesmo tempo. Aqueles imensos olhos de longos cílios, sempre atentos a tudo ao redor. Carinhosa, sempre lhe beijava ao se despedir. A mãe, também muito educada e meiga e o pai, gentil e sério. Enquanto acariciava os cabelos do namorado adormecido, uma melancolia tomava conta dos seus pensamentos e lhe oprimia o peito. Qual seria o “start” que mudou pra sempre o destino daquelas pessoas?

Capítulo XXI



Mauro que escutara Dalva em silêncio, sentia um tremor involuntário no corpo e suas mãos suavam de nervosismo. Sabia que algo muito sério permeava a história daquela família e em especial, da sua namorada Cecília, mas nem nos piores pensamentos, imaginara algo tão terrível, tão bizarro. Vagas lembranças rondam a sua memória. Crê que já ouvira falar desse crime hediondo, cochichado pelos adultos, mas era apenas uma criança e não entendia o que se passara de verdade. Enquanto ouvia aquela narrativa, tentava intuir sobre o que motivara a crise de Cecília em seu apartamento, mas estava muito atento aos fatos pra raciocinar tranquilamente durante a conversa. Sabia que Dalva ainda teria muito mais a contar, mas estava trêmulo, abalado e exausto com toda aquela maratona do dia e as informações pesadas que recebera. Dalva também está exausta e o marido vem ampará-la com um abraço. Mauro agradece muito ao casal, especialmente a Dalva, mas diz que vai se retirar e pensar sobre tudo que ouvira. Diz também que espera reencontrá-los numa situação bem mais agradável e se retira em direção ao carro.

Ao chegar em casa, um banho morno e demorado e logo depois um chá, minimizaram as tensões daquele dia tão pesado. Não tem com quem falar sobre o assunto. Não exporia pra qualquer amigo ou amiga o que soubera a respeito do passado da namorada e com Júlia, também não poderia se abrir, pois nem sabia se Júlia conhecia aquela história tão macabra.

Deitou no sofá da sala e rememorou cada palavra que ouviu de Dalva, agora, com a mente mais livre, tecia associações aos fatos presentes, tentando descobrir o que se passara com Cecília em seu apartamento. Nada fazia sentido, por mais que pensasse e acabou adormecendo ali mesmo, vencido pelo cansaço físico e emocional que experimentara nesse dia. Tinha uma história, mas não conseguira chegar a nenhuma conclusão que o tranquilizasse um pouco. Um ponto de partida, para lutar pelo seu amor.

Acordou com sensação de ressaca, no entanto, não poderia descansar, tinha vários vídeos e fotos pra editar de um evento que cobrira. O prazo de entrega estava quase esgotado e ele não poderia

fazer corpo mole hoje. Tomou uma xícara de café preto e começou o trabalho. Tentava se concentrar, mas palavras e imagens do dia anterior, insistiam em voltar à sua mente. Estava trabalhando há duas horas, quando o “insight” aconteceu. Lembrara do diálogo com Cecília no apartamento. Ela dentro do banheiro e ele, fora. Lembra que Cecília falou que ele era organizado e o banheiro era lindo. Logo depois o silêncio, o tombo e toda a sequência desesperadora de arrombar a porta do banheiro, chamar ambulância, chamar Júlia, levar a namorada para o hospital... Ele se detém na frase, “que boy mais organizado, esse meu namorado” e pensa, o que havia no meu banheiro? Faz um exercício mental e visualiza a bancada em mármore, diante da qual ela deveria estar em frente ao espelho. Tenta lembrar cada objeto que estaria ali e, de repente, dá um salto quase involuntário da cadeira em que estava sentado, em frente ao computador.

- Meu Deus, meu Deus, foi isso! Era isso o tempo todo e eu não tinha como saber... Meu Deus! Ela viu, eu tinha uma tesoura grande na bancada. Uma tesoura... Alguma coisa no inconsciente dela, disparou o gatilho da terrível lembrança e ela entrou em crise. Meu Deus!

O que eu faço agora? Com quem eu falo? Tenho que procurar Júlia e sondar se ela sabe de alguma coisa. Faz tempo que não me dá notícias de Cecília, pediu que eu esperasse, porque havia novidades, mas não poderia falar ainda... Tenho que procurar Júlia, senão vou enlouquecer.

Aquele homem alto, negro, de longos cabelos em dreadlocks, presos displicentemente, ombros largos à mostra, sem camisa, tatuagens nos braços que lhe deixam ainda mais bonito e sensual, músculos que lhe conferem uma imagem de fortaleza... Belo, forte, alto, na verdade, nesse instante, não passa de um menino que precisa de colo, aconchego; frágil menino que queria ter a mãe por perto, pra lhe falar de suas dores, da sua impotência diante de toda aquela tragédia que mudara sua vida. A mãe mora longe, em outra cidade. Ele a visita sempre que pode, mas não falaria dessa história terrível com ela pelo telefone; esperaria ir até lá. Não consegue ficar em casa

e continuar o trabalho. Precisa ver o mar, sentar na areia e refletir. O mar está logo ali, a poucos metros da sua casa e isso o conforta.

Decide ligar pra Júlia pra tentar uma conversa que o alivie um pouco.

- Amiguinho, não posso falar agora, mas podemos marcar sim. Tem que ser hoje?

- De preferência agora, se você puder. Estou precisando muito!

Mauro percebe que Júlia está um pouco constrangida ao telefone.

Não fala o nome dele e responde com evasivas. Estaria com Cecília?

Esse simples pensamento lhe causa um arrepio por todo o corpo. É

imenso o desejo de estar novamente com ela. Pousar os olhos

inquietaos, sobre aqueles olhos claros e meigos que tanto lhe faziam

bem. Apesar do embaraço, Júlia marca o encontro com ele, dentro

de meia hora. Fala algumas coisas desconexas, tipo, “te levo os

documentos então”, nitidamente uma forma de disfarçar para que as

pessoas que estão com ela, não saibam aonde vai. Ela realmente está

com sua mãe, Irene e com Cecília, por isso dá a desculpa de que

precisa entregar um material importante pra um colega, inclusive

documentos para um trabalho e elas acreditam.

Quando Júlia aparece no local marcado, Mauro a abraça sem dizer

nada. Um choro convulsivo toma conta dele e ela entende que ele

soube de alguma coisa que desconhecia antes. Acolhe aquele abraço

com todo carinho possível e espera que ele se acalme.

- Júlia, você sabe que tenho me dedicado durante esse tempo todo

em que estou afastado de Ceci, a descobrir algo que me explique

tudo que aconteceu e mudou tanto as nossas vidas. Não sei se posso

te falar do que sei. Não sei até que ponto você sabe dessa história.

Estou perdido, confuso, sem saber como agir agora.

- Relaxe, Mauro. Pra mim é algo recente também. Faz pouco tempo

que fiquei a par de quase toda a história de Cecília; quase, porque

sei que me pouparam de alguns detalhes, mas de modo geral, agora

estou a par do que aconteceu. Eu era só um bebê na época e como

Cecília apagou isso da memória, me preservaram também, durante

todos esses anos. Eu fiquei impedida de te procurar e falar, porque

compete a Ceci; ela vai falar com você no momento certo. Se acalme

e tenha fé, porque providências já estão sendo tomadas. O que posso te adiantar, é que ela lembrou de tudo, faz algum tempo. Ela vai te procurar na hora certa. Quando estiver pronta.

- Eu vou esperar o quanto for preciso. Mas preciso te falar de algo que finalmente descobri e me deixou nessa ansiedade, nesse desespero que me tirou de casa, do trabalho e me fez te procurar às pressas. Eu sei o que provocou aquele surto em Cecília e a fez desmaiar. Lembrei o que havia na bancada do meu banheiro e que seria capaz de lhe provocar tanto pavor, a ponto de provocar toda a crise. Embora ela não lembrasse nada do passado, embora tenha bloqueado esses fatos inconscientemente, aquilo funcionou como gatilho que a colocou diante do pesadelo novamente, embora depois, tenha entrado novamente no processo de negação que não lhe permitia lembrar.

- Mas o que foi, o que havia lá?

- Uma tesoura. Uma tesoura grande que eu havia usado recentemente pra cortar um material do cenário que estávamos filmando e não guardei na gaveta.

- Meu Deus! Claro, é isso. Esse é o objeto que simboliza o que há de mais execrável em sua vida. Foi um choque imenso. Lembro que em nossa casa não havia tesouras, apenas aquelas pequenas com partes coloridas que a gente usava na escola. Mas é lógico que ela teve contato com tesouras em outras situações, como cortar o cabelo. Acredito que a questão foi ver a tesoura grande ali, na casa do cara que ela estava namorando, no apartamento que ela estava conhecendo. Não sei, a gente nunca vai conseguir explicar racionalmente, mas acho que tem toda razão. O fato de ver uma tesoura em sua casa, no seu banheiro, desencadeou toda aquela reação.

- Pois é, daí a minha ansiedade em falar com ela...

- Mauro, tenha só mais um pouco de calma, Cecília vai te procurar. Eu te digo que agora ela está bem e buscando reconectar todos os fios dessa complexa engrenagem. Vocês vão voltar a se ver e

conversar sobre tudo isso. Torço muito para que vocês fiquem bem. Farei o que puder pra ajudar.

- Me conta, ela está aqui no Rio? Você estava com ela quando falou comigo, não é? Só de pensar nisso eu fico fora de mim...

- Está sim, Mauro, mas nem pense em procurá-la; iria estragar tudo. Veja bem, o encontro de vocês não vai demorar, ela já pediu retorno e fez matrícula para o próximo semestre. Antes do início das aulas, com certeza ela vai te procurar. Relaxe!

- Que notícia boa! Claro que eu espero; estou eufórico com as notícias que me deu. Saber que ela está bem já é uma alegria sem fim.

- Sim, está muito bem e com muitos projetos de recomeço e, com certeza, você estará incluído nessa história. Ela nunca te esqueceu. Despede-se de Júlia com uma alegria que nunca mais experimentara. Está cheio de confiança e vontade de viver, resolve até voltar ao trabalho de edição em casa e há um leve sorriso emoldurando seus lábios, enquanto trabalha com afinco. As cores, nas fotografias e vídeos, lhe parecem mais vívidas. Seus olhos brilham.

Capítulo XXII



Cecília tem pressa. É importante que tudo aconteça o mais rápido possível, pois está ansiosa para retomar sua vida, mas não abre mão de que aconteça da forma como planejou.

Contrata um número maior de coreógrafos, os mais competentes, para que o espetáculo fique pronto, dentro de um mês. As coisas em sua cidade já estão organizadas. A pauta no teatro do Rio de Janeiro, reservada. Todos os profissionais que atuarão nas mais diversas áreas, contratados. Retorna a Vista Alegre com sua tia, com uma sensação muito feliz de ter conseguido resolver tudo. Nos próximos dias, voltará várias vezes ao Rio pra verificar o andamento das coisas e ensaiar, assim como estará atenta aos ensaios na Escola de dança da sua cidade. Tudo tem que sair perfeito e ela se cobra muito a respeito disso, mas está feliz demais pra se sentir exausta.

Decide contratar um motorista, amigo da família há anos, para levá-la ao Rio, sempre que necessário, pois não quer dirigir sozinha, pegar a estrada. Isso facilitará sua locomoção nos próximos dias.

A primeira providência ao retornar a Vista Alegre, no entanto, não diz respeito ao espetáculo de dança. Há uma pessoa com quem precisa falar urgentemente. Alguém que precisa rever, pois sente uma falta imensa, a sua querida Dadá. Pede que Irene ligue pra ela e converse sobre o encontro das duas. Não quer pegá-la desprevenida. Sente-se emocionalmente preparada pra voltar a vê-la e retomar essa amizade, agora de forma plena, sem subterfúgios ou segredos. As duas têm muito o que conversar, mas antes de tudo, precisam se reconectar de várias formas.

Tudo acertado, Cecília vai ao encontro de Dalva numa tarde de sol ameno e brisa leve. Vai até a casa dessa mulher que no seu coração, é mais que uma madrinha, mais que amiga, uma quase mãe, de quem nunca pode usufruir verdadeiramente a companhia. Agora será diferente. Cheia de esperança e alegria, desce do carro e toca a campainha.

O abraço é muito longo e as lágrimas, inevitáveis. As duas estão muito emocionadas para segurar qualquer sentimento. Vivem esse momento carregado de dores, lembranças boas, saudades e acima

de tudo, desejo de nunca mais estar distante uma da outra. Dalva pega em sua mão e a conduz até a cozinha. Tomam um copo de água, enxugam as lágrimas uma da outra e sorriem. Estão prontas para uma longa conversa e para o recomeço.

- Dadá, eu não aguentava mais de saudades de você! Mas precisava estar pronta, você entende? Você representa o elo mais forte que tenho com esse episódio macabro do qual finalmente me libertei, após me permitir lembrar de tudo. Você está lá, no quadro que revejo, mas especialmente, está na minha vida como protagonista da minha salvação daquele quadro bizarro. Amei você a minha vida inteira, sem saber direito o porquê. Agora sei. Amei aquela Dadá que me contava histórias, via filmes comigo na sala da minha casa e a Dadá que me arrancou de lá, no pior momento da minha vida. Sempre quis ficar mais perto de você e não entendia porque não deixavam a gente ficar mais tempo juntas. Não entendia porque tia Irene não me deixava dormir na sua casa, quando eu pedia. Não entendia você às vezes triste, fazendo terapia, indo a médicos. Agora entendo tudo e me sinto tão leve e quero que você também se liberte desse passado que nos fez tão mal. Me exorcizei daquelas dores, quando deixei finalmente aquele monstro que me corroía, escapar.

- Eu sei, meu amor. Eu entendo tudo. Eu sei que eu mesma nunca consegui me curar, porque havia esse pesadelo da sua negação, a sua “não lembrança” que a sua família cultivava como pedra preciosa, mas te fazia tanto mal. Fazia a mim também. Sei que queriam te preservar e talvez se tivesse lembrado antes, ainda menina, o resultado fosse desastroso. Vejo que as coisas aconteceram na hora certa. Vejo que você está tão bem e estou tão feliz por isso que nem sei como exprimir. Eu também te amei o tempo todo e te amo. Vamos aproveitar de agora em diante. Vamos fazer muitas coisas juntas. Vamos ser o que sempre fomos, mais que amigas.

A conversa durou tanto que as duas percebem que já está anoitecendo. Evitaram falar das coisas doloridas. As duas já tinham ciência de toda dor que vivenciaram juntas. Cecília falou da sua vida,

dos seus projetos e planos pro futuro e intimou sua querida Dadá a estar presente no espetáculo do Rio de Janeiro. Ela, o esposo e o filho. Dadá a interrompe, antes que terminem a conversa, pois tem algo a lhe contar.

- Olha, tenho que te contar que o Mauro esteve aqui. Andou investigando a sua vida durante todo o tempo em que estiveram separados. Estava muito angustiado, pois não conseguia atinar com o que lhe fizera tão mal, ao visitar o apartamento dele. A crise que resultou no afastamento de vocês. Esteve com a sua tia avó, lá no distrito e ela mandou que me procurasse. Que eu contasse pra ele com todos os detalhes, o que havia acontecido. Eu contei e ele saiu daqui muito abalado. Recebi um telefonema dele há poucos dias, me agradecendo. Disse que pensou muito a respeito dos fatos e conseguiu chegar a uma conclusão sobre o que te fez mal, no banheiro do apartamento dele.

Algumas lágrimas voltam a inundar os olhos de Cecília. Lágrimas breves, de ternura e dor, por lembrar todo o sofrimento que passaram, a partir daquele episódio. Mas logo se refaz e responde a Dalva.

- Sim, Júlia esteve com ele e conversou comigo depois. Estou a par de tudo isso e ansiosa pra reencontrá-lo também, mas tenho uns planos, dos quais não abro mão. Quero que seja muito em breve e seja lindo, o nosso reencontro. Não sei se será uma linda e longa história de amor, se casaremos e teremos filhos, se nos odiaremos em seis meses, mas tenho certeza de que nesse instante, é o que mais queremos.

- Sim minha filha, está pensando da forma mais correta. Seguindo o seu coração, mas tendo consciência de que as coisas não precisam ser perfeitas e tudo pode mudar. Eu fico na torcida pelo melhor, pela felicidade. Gostei muito daquele rapaz, da sinceridade dele, a sensibilidade. Confiei tanto nele que consegui me abrir, contar tudo e isso me ajudou a melhorar também. Tive alta da terapia, não preciso de remédios pra dormir, desde que tive essa conversa com

ele e soube depois que você lembrou de tudo e estava bem. Foi uma libertação também pra mim, querida.

- Dadá, fico tão feliz por isso! Meu Deus, acho que finalmente a vida resolveu nos recompensar por tudo que passamos. Nós merecemos isso.

Cecília retorna à sua casa com o coração aquecido de ternura e alívio. Chega exausta de emoção e abraça a tia bem forte. Está muito feliz e tem certeza que a Dalva que deixou em casa, não será mais a mesma dos últimos anos, voltará a ser aquela moça feliz e amorosa que povoou de carinho a sua infância.

Capítulo XXIII



- Mas por que Tributo, Ceci? Não fica estranho, apenas Tributo? Geralmente se coloca, tributo a alguém ou alguma coisa...

- Não, Júlia, vai ser TRIBUTO mesmo; já está decidido. O espetáculo está pronto, tudo milimetricamente organizado e ensaiado, um trabalho de marketing maravilhoso; o primeiro dia já está praticamente lotado. Temos pouquíssimos ingressos disponíveis na bilheteria. Você me dará razão depois. Não esqueça priminha, que a organização da ida do pessoal daqui de Vista Alegre, está toda sob sua responsabilidade. Quero todo mundo lá um dia antes, pro ensaio geral e os familiares irão no dia do espetáculo, para assistir e voltar com filhos e filhas.

- Relaxe, a minha parte está tranquila. Todo mundo preparadíssimo. Agora tem aquela outra tarefa que você me incumbiu e eu já tomei as providências também. Liguei pro Mauro e já combinei de ir ao espetáculo com ele. Não podia correr o risco de que ele marcasse outra coisa, afinal é sexta à noite. Mas consegui convencer o gatão relutante. Disse que precisava da companhia dele pra ir a um espetáculo que eu queria ver muito e não queria ir sozinha. Ele se esquivou um bocado, disse que espetáculo de dança ia lembrar você mais ainda, que ia ficar emocionado e que está chateado porque você não o procurou, mas eu consegui dobrar o bonitão e ele concordou em ir comigo. Ainda bem que seu nome não aparece em nada. Não tem como desconfiar.

- Ótimo trabalho, minha gata! Te amo demais, minha maninha do coração.

- Também te amo, por isso entro nessas roubadas todas que você me coloca. Suzy já está até se sentindo rejeitada e se não gostasse tanto de você, ficaria furiosa comigo, porque nos últimos dias, minha vida está toda concentrada em você e nessa invenção gigantesca que arrumou.

As duas se abraçam sorrindo. Sabem que a cumplicidade é pra sempre e o amor, cada vez maior.

Irene está às voltas com os compromissos da administração da empresa, pois tem que deixar tudo organizado para ficar três dias no

Rio de Janeiro com o marido e a filha. O espetáculo terá dois dias de apresentação, portanto, optaram por não voltar pra casa e ficar para o segundo dia . João aproveitará o tempo vago, para visitar as duas lojas que o mercado tem no Rio e verificar com o gerente, como está a situação. Além disso, Cecília faz questão de levar a avó, Risoleta. Isso demandará algumas providências extras, como a contratação de uma enfermeira para acompanhá-la. Dalva até se ofereceu pra ajudar nessa parte, mas Cecília faz questão de que ela vá apenas como convidada, na companhia do marido e do filho.

A cidade de Vista Alegre está em polvorosa. Há vários dias só se fala desse espetáculo e muitas pessoas amigas, irão até o Rio para assistir no primeiro dia.

Cecília está tão feliz que nem reclama do cansaço ou das preocupações com os preparativos. Seu semblante é de paz e alegria constantes.

Todos estão profundamente admirados com a superação dela e com a capacidade de organização tão complexa que o evento exigiu. Demonstrou o tempo todo, responsabilidade, competência e tranquilidade pra lidar com os imprevistos e problemas.

Mas há uma coisa que ninguém da família sabe. Nenhuma amiga ou amigo, nenhum funcionário ou pessoa contratada para as diversas áreas do evento. Ninguém sabe e com isso, ele terá que lidar sozinha, até o último instante. Vez por outra, sente um frio na barriga, ansiedade, mas não pode dividir com ninguém. Tem procurado relaxar o máximo possível, com caminhadas, meditação, dança, mas vez por outra, a adrenalina fala mais alto e ela respira fundo e repete para si mesma que precisa se acalmar. Faltam apenas dois dias. Amanhã estarão no Rio de Janeiro, cuidando dos ensaios e dos últimos preparativos.

Mauro estará presente e a perspectiva de revê-lo como tanto sonhou nos últimos dias, é o que mais a mobiliza e impulsiona. Tudo precisa dar muito certo.

Cecília lembra de um detalhe e vai conversar com a tia.

- Titia, esqueci de te contar uma coisa. Lembra a sua tia Arminda, nunca mais ela veio aqui na cidade, não é?

-É minha filha, depois que o meu tio morreu, ela mudou muito. Os dois pareciam namorados, viviam abraçados ou de mãos dadas, vinham sempre pegar um cineminha, assistir você quando dançava, lembra? Agora só vive em casa, quase entrou em depressão, mas tem o filho que ajudou muito pra ela não adoecer.

Pois é, tia Irene, olha que coincidência boa. Eu liguei pra ela e falei do espetáculo. Disse que iria mandar o motorista buscá-la pra vir até aqui e ir junto com a gente, mas Roberto chegou de São Paulo; está aí com ela e disse que a levará para o Rio e irão assistir. Disse que não preciso me preocupar.

- Que maravilha, Ceci! Você é uma flor de pessoa, lembrou de todo mundo! Ela merece muito, querida, é tão boa e sempre foi tão carinhosa com você. Fico muito feliz por essa novidade.

- Pois é, já que ele faz questão de ir com a mãe de lá mesmo, não insisti, mas reservei pra eles, o mesmo hotel onde ficaremos, assim a família estará toda reunida pra comemorar. Já passei todas as informações pra ele.

Você é uma danada, pensa em tudo. Deus lhe abençoe muito, minha filha!

- Amém, tia. A nós todos.

Capítulo XXIV



Júlia passou no apartamento de Mauro para apanhá-lo. Disse pra ele que preferia ir com seu carro, pois Suzy a encontraria lá mais tarde e precisaria do carro pra sair com ela, mas daria carona pra ele na volta também. Ele concordou feliz por não precisar tirar o carro da garagem e enfrentar o trânsito. Trabalhara muito nos últimos dias na tentativa de controlar a ansiedade e o quase rancor, misturado com tristeza. Cecília não aparecera pra conversar com ele, como prometera. Estava desanimado e perdendo as esperanças. Chegara a pensar que a realidade era que Cecília não queria mais vê-lo e esse pedido de tempo, não passara de uma desculpa. Estava saindo por insistência de Júlia; devia muitos favores pra ela. Quantos desabafos ela ouvira dele, durante esses quase dois anos! Não tinha como negar um pedido da amiga tão solícita, mas não estava com o mínimo de disposição ou alegria pra sair.

O teatro estava deslumbrante. O cenário, meticulosamente trabalhado desde a porta de entrada, demonstrava todo o esmero com que o espetáculo fora cuidado. Estava praticamente lotado quando Júlia e Mauro chegaram e ele pensou que iriam ocupar as fileiras do fundo, mas Júlia lhe tranquilizou, dizendo que havia duas fileiras reservadas para convidados, bem em frente ao palco e ele era um dos convidados, junto com ela.

- Mauro, não estranhe, mas dentre os convidados, provavelmente você reconhecerá algumas pessoas da minha família. A direção do espetáculo convidou a todos. São pessoas ligadas à nossa empresa e fizeram questão que viéssemos. Na verdade eu poderia ter vindo com minha mãe, meu pai, com a Suzy, mas fiz questão de trazer você. Espero que goste de ter vindo e de tudo que vai ver aqui.

Mauro está perplexo. Reconhece a família de Júlia. Até a avó, Dona Risoleta que ele conhece de fotografias, está ali sentada. A Dalva, com quem ele havia conversado por tanto tempo, a tia Arminda com o rapaz ao lado que certamente seria o seu filho e a Suzy que também já havia chegado. Há várias outras pessoas que ele não conhece nas fileiras reservadas aos convidados, mas o seu lugar e o de Júlia, estão lá, ao lado de Suzy. Cumprimenta com discrição os

familiares de Júlia, mas não deixa de cumprimentar com um aperto de mão, emocionado, a tia Arminda, que lhe apresenta o filho e a Dalva, o filho e o marido que estão sentados na fileira da frente. Sua vontade é de abraçar com carinho essas pessoas, mas o ambiente e o horário não permitem. Certamente ao final do espetáculo, poderá fazer isso, assim como, cumprimentar e conhecer melhor os familiares de Cecília. Percebe que olham pra ele com uma certa curiosidade e um semblante receptivo.

- Júlia, eu não tô entendendo nada! A sua família aqui, a Dalva... Por que não me falou nada? O que eu estou fazendo aqui? Acho melhor você me contar logo, estou bem nervoso!

As luzes apagadas deram o primeiro sinal para o início do espetáculo. Com o dedo em frente aos lábios, Júlia emite um psiu e pede que ele fique quieto, pois o espetáculo está começando.

- Relaxe, Mauro. Aproveite toda essa beleza que você vai ver. Eu sei que o espetáculo é muito bonito, vi alguns ensaios, por isso quis te trazer. Sei que vai gostar.

Não há mais tempo pra conversa. Com o toque do terceiro sinal, qualquer sussurro é inadmissível. O espetáculo está começando.

Com um pouco de má vontade para usufruir a beleza do cenário, da iluminação, das músicas e coreografias, Mauro pensa que será um sacrifício, ficar sentado ali por uma hora e meia. Mas não demora muito e a sua sensibilidade aguçada fala mais alto. Até o olhar de cineasta aflora, diante de tanta beleza. Pensa que deveria ter trazido sua câmera, mas logo imagina que não teria permissão pra filmar as coreografias. Está encantado com aquele show de beleza que se descortina à sua frente e por algum tempo, esquece toda a tristeza que o acompanha há tempo. Pensa em como a arte tem uma força que nos mobiliza e transporta. Olha ao redor e percebe que não é o único. Há um enlevo geral, no semblante daquelas pessoas. O espetáculo está chegando ao fim, de acordo com a programação que ele tem em mãos e intimamente, ele lamenta. Faz tempo que não sai tão satisfeito de um evento. Pega nas mãos de Júlia e silenciosamente lhe agradece com os olhos. Muita sensibilidade dela,

convidá-lo para aquela noite inesquecível. Uma ponta de melancolia o invade, enquanto assiste a última coreografia. Pensa em Cecília, em como seria maravilhoso estar ali com ela, assistindo a toda aquela beleza. Ela que tanto ama a dança! Se está bem, por que não quis vir num evento em que toda a família está reunida? Volta a sentir uma dúvida imensa lhe corroendo os sentidos. Move-se pela primeira vez, de um jeito impaciente na cadeira.

A plateia inteira, de pé, aplaude longamente, ao final. Esperam ansiosamente que todas as dançarinas e dançarinos retornem ao palco com os coreógrafos responsáveis, mas os aplausos são interrompidos, quando uma jovem vestida elegantemente, chega ao palco e dirige-se gentilmente à plateia.

- Senhoras e senhores eu gostaria de pedir que voltassem aos seus assentos, pois há um número bônus que não aparece nos convites. Na verdade, uma surpresa, pra fechar com chave de ouro essa primeira noite desse maravilhoso espetáculo.

- Mauro percebe que o semblante de Júlia é de surpresa. Olha pra ele com um ar de quem realmente não sabe o que está acontecendo. Todos os familiares e amigos também parecem surpresos com o anúncio de mais um número. Ele não entende bem essa reação, intimamente comemora aquela coreografia extra, pois já lamentava o final do espetáculo.

As pessoas vibram, aplaudem, assoviam animados com a perspectiva de mais um número. Com certeza seria belíssimo, pois foi algo preparado pra fechar aquela noite tão perfeita. Voltam a sentar-se e silenciam quando todas as luzes do palco são apagadas, até que um foco de luz, direcionado apenas ao centro do palco, denuncia a presença de uma bailarina alta, de postura impecável. Naquela luz, quase um vulto, mas de beleza inegável.

Capítulo XXV



Mauro, de olhos arregalados, quase salta da cadeira, quando aquela moça emite a primeira palavra.

- É ela, meu Deus, é a Ceci!

Júlia, de olhos arregalados, visivelmente surpresa, segura a sua mão carinhosamente e pede que ele se acalme e ouça. A família e os amigos estão extremamente emocionados, ao perceber a presença de Cecília no palco.

- Que danada!

Cochicha a tia Irene ao ouvido do esposo.

- Ela nos enganou direitinho!

- Antes de mais nada, quero dizer para todos os presentes, porque escolhi esse nome para o espetáculo. Muitos me questionaram e agora eu explico, por que “Tributo”. Esse espetáculo é um tributo, à minha mãe, Fabíola. Fabíola Marcondes Pereira. Minha mãe tão linda que partiu tão cedo. Sim, esse espetáculo, é também um alerta. Talvez alguns tenham percebido algo na trilha sonora do espetáculo. Além da beleza artística, expressada através da dança, pretende ser um manifesto. Um alerta para a violência que testemunhamos diariamente contra as mulheres. Minha mãe foi uma das vítimas de feminicídio desse país. Eu tinha apenas quatro anos e fui testemunha ocular disso e é por minha mãe que viverei e serei uma pessoa feliz. Por ela, produzi e organizei esse lindo espetáculo pra vocês. Mas como foi anunciado, vocês não continuaram aqui para um discurso, temos um número bônus. Esse é o meu número especial. uma homenagem que preparei com todo carinho pra uma pessoa que está aqui presente. Ele com certeza entenderá. Dançarei pra vocês, mas especialmente pra ele, para o nosso reencontro.

A plateia comovida, aplaude demoradamente. Algumas pessoas, com lágrimas nos olhos. Mauro está tremendo e aos prantos; não consegue mais segurar a emoção. A iluminação volta ao palco. Um jogo de luzes delicadas e milimetricamente pensadas para aquele número. Cecília está lindíssima em seu figurino. Um vestidinho branco, curto e esvoaçante. Por baixo, um collant de lycra que lhe permite os movimentos mais arrojados com segurança. A sua pele

negra, contrastando com o vestido, confere-lhe uma beleza estonteante. Os longos cabelos crespos, naturalmente encaracolados e a fluidez do tecido da sua roupa, acrescentam um charme especial aos movimentos. A música escolhida, é emocionante e bem conhecida dela e de Mauro. Ela faz um solo de ballet contemporâneo com sua postura impecável, movimentos precisos e uma flexibilidade encantadora. A comoção é geral. Além das palavras de Cecília, inesperadas e fortes que emocionaram, a sua dança é ainda mais tocante. Ela expressa com todo o corpo, as dores e a propensão à alegria que certamente virá.

A família que também não sabia desse fecho inesperado, está ainda mais comovida que a plateia. Irene fica um pouco preocupada com a mãe, teme que sua pressão venha a subir, por causa da emoção, mas ela demonstra estar feliz demais, apesar das lágrimas. Aplauda a neta com fervor e um sorriso no rosto. A comoção de Mauro, no entanto, é incomparável. Está maravilhado com o número de dança que acabara de assistir e sabe que foi dedicado a ele. Nem nos seus sonhos mais ambiciosos, poderia prever que essa noite terminaria assim. A sensação era de que toda dor, todo sofrimento pelo qual passara durante quase dois anos, esfacelara-se naquele instante. Perdera todo o sentido, diante da beleza, da grandiosidade daquele momento, preparado com todo carinho, pensado nos mínimos detalhes e a ele ofertado. Sua emoção confundia-se com uma alegria inigualável, difícil de segurar. Após os longos aplausos do público, todo o elenco retorna ao palco, acompanhado de coreógrafos e Cecília, a estrela maior daquela noite, é reverenciada por eles. Com ela ao centro e todos agora de mãos dadas, curvam-se diante do público e recebem os últimos aplausos daquela noite inesquecível.

Capítulo XXVI



Mauro abraça Júlia e agradece muito. Chora o tempo todo e chama a atenção de algumas pessoas que não entendem porque aquele homem forte, alto e tão lindo, chora sem parar. Mas a família e amigos de Cecília sabem muito bem ou pelo menos imaginam tudo que está passando pela mente e coração desse rapaz. Olham com ternura pra ele, por vezes lhe abraçam e tentam amenizar a infinita ansiedade que ele sente. Ele sabe que as pessoas farão fila para cumprimentar o elenco no camarim, certamente Cecília será a mais requisitada. Percebe que há pessoas da imprensa que a procuram para entrevistas e imagina que o encontro dos dois terá que esperar mais um pouco.

Júlia recebe um bilhete de uma das camareiras. Lê e arregala os olhos com aquele seu jeitinho especial de demonstrar surpresa e alegria. Passa pra Mauro o bilhete que tem escrito logo em cima: Para Mauro.

- Meu amor, venha até a coxia e procure o terceiro camarim à esquerda. Entre, por favor! Cecília.

Na verdade, Júlia recebera dois bilhetes; no outro, Cecília lhe passava alguns avisos que deveria passar para a família e amigos.

Muito nervoso, Mauro alcança o terceiro camarim e bate à porta. Cecília o recebe e nesse momento, é a bailarina que o abraça. Pula em seu pescoço e entrelaça seu corpo forte com braços e pernas. Seus corpos, seus cabelos, suas peles, estão agora entrelaçados, como certamente estão as suas almas. Eles choram, suas lágrimas se misturam no tão esperado beijo. É uma sensação de plenitude que nunca ousaram imaginar.

- Meu amor, você quase me matou de saudades. Eu achei que não iria mais me procurar...

- Eu também estava quase morta de saudades. Tinha que me controlar o tempo todo pra não abrir mão desse sonho todo de dançar pra você e ir correndo te procurar, mas me controlei e espero que você tenha gostado e me entendido.

- Gostado? Imagina. Eu amei!!! Parecia que eu estava dentro de um sonho. Foi inesquecível, maravilhoso. É algo que a gente vai poder

guardar pra vida toda. E entendo que me presentear com algo que você ama tanto que é a dança, foi um privilégio. Eu to me sentindo “o divo” e eu quero ser sempre esse cara pra você!

Mas Ceci, tem uma multidão lá fora querendo te ver. Tem jornalistas, emissoras de TV.

Cecília segura o rosto do namorado, olha nos seus olhos e o beija novamente. Sussurra então em seu ouvido.

- Vamos fugir daqui? Minha assessora cuidará de tudo. A Júlia (risos). Já deixei as instruções. Não quero dar atenção pra ninguém mais hoje, que não seja você. Estou exausta, mas feliz demais pra desperdiçar esse momento. Estou com as chaves do meu carro aqui. Vamos pela saída lateral e ninguém nos verá. Quer fugir comigo?

Paralisado de emoção, ele olha pra Cecília com aquele olho que ela bem conhece e é todo sim, naquele momento. Sim pro amor, sim pra alegria, sim pra vida nova... Faz um carinho em suas mãos e ela apanha a mochila na poltrona. Ainda está usando o figurino e a sapatilha prateada com a qual dançara pra ele. Ergue-a no colo e saem.

Nesse momento, a família troca um olhar de cumplicidade, enquanto Júlia lhes conta que Cecília precisou sair às pressas e se encontrará com eles amanhã no hotel.

~ F I M ~

O romance sob o olhar de uma psicóloga

Em **depois o Amor**, Lia Sena nos brinda com um romance repleto de nuances, que tecem, pouco a pouco, uma bela e rica colcha de retalhos. A autora tem a grande qualidade de não subestimar a inteligência do/a leitor/a, sabe que certas coisas devem ser reveladas muito aos poucos. Portanto, a narrativa se apresenta ágil mas não linear, e ao mesmo tempo muito delicada, que é a marca registrada dessa imensa poeta. O/a leitor/a ainda encontrará nesse livro um vasto mundo. E aí entra em cena a Lia Sena romancista, que não se furta em tocar com admirável fidedignidade, em detalhes incômodos e mesquinhos desse nosso mundo, por vezes tão (i)mundo, onde tudo cabe: violências, fanatismo, preconceitos e intolerância. Mas a autora com seu aguçado olhar poético, sabe que o amor, também, sempre cabe. E nos salva, a todos. Mesmo que venha depois.

Roberta Gasparotto

Psicóloga e escritora

Sobre a autora



Lia Sena é escritora baiana e desde a mais tenra idade se descobriu poeta. Ainda nas séries iniciais, escrevia poemas para as colegas e familiares. Em 1988, lança o seu primeiro livro de poesia, estimulada pelo então marido, Robson Nascimento e amigos, "**Pedaços**" (Editora Interbahia). Por um grande espaço de tempo, em que se dedicou à criação de filhos e sua vida de empresária em locação de filmes, esteve distante das publicações, mas não da escrita, até que em 2013, retorna à cena literária com o segundo livro, "**Por Todo Risco**", uma produção independente que a conduziu definitivamente à carreira de escritora, com

a participação em eventos, criação de Saraus, participação em shows musicais com interferências poéticas, etc. Em 2014 lança o terceiro livro, "**Lume dos Anseios**" (Edições Mac - Coleção vinho e poesia). Participou de várias Antologias, sendo inclusive, uma das organizadoras da Antologia, "**Outras Carolinas - Mulherio da Bahia**" Editora Penalux/2017), na qual participou também com dois poemas. Também em 2017, participou do *II Prêmio Sosígenes Costa de Poesia*, ficando com a Menção Honrosa e o segundo lugar. Em 2018 foi a vencedora da terceira edição desse mesmo prêmio com o livro, "**Na Veia da Palavra**" que se encontra em processo de edição pela Editus. Também em 2018, lança o seu quarto livro de poesia, "**De foro íntimo**" (Editora Penalux), um livro de muito sucesso que repercute até os dias atuais. Eventualmente escreve contos e crônicas; é autora de algumas canções e nesse ano de 2020, decidiu escrever esse, que é o seu primeiro Romance, "**depois o Amor**", publicando-o em formato digital, diante dos tempos de pandemia que vivemos. Um trabalho realizado pela editora Chris Herrmann através da *Revista Ser MulherArte*.

Participante ativa do Coletivo feminista *Mulherio das Letras*, desde o seu início, Lia Sena é também Articuladora do *Mulherio das Letras da Bahia*, um dos núcleos do Mulherio Nacional. Publica em diversas Revistas eletrônicas, como *Mallarmargens*, *Ruído Manifesto*, *Amaité*, *Escrita Droide* e atualmente, exerce a função de editora adjunta da *Revista Ser MulherArte*.

[foto por Marcelo Sena]

depois o Amor - Lia Sena

.. uma realização da ..



www.sermulherarte.com

Instagram: @sermulherarte

Podcast: Anchor.fm/podsermulherarte

Facebook: Revista Ser MulherArte

E-mail: revista@sermulherarte.com